Feio, Maria
Calvario de mulher

UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00456532 1

HQ
1216
F45
1915
c.1
ROBA

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/calvariodemulher00feio

MARIA FEYO

Calvario de Mulhe

O PREJUIZO DOS SEXOS
DENTRO DO PREJUIZO DA GUERRA

"L'homme a fait verser tous les droits de son côté et tous les devoirs du côté de la femme; de là un trauble profond."

VICTOR HUGO.

TIPOGRAFIA MINERVA — FAMALICÃO

Calvario de Mulher

Composto e impresso
na Tipografia «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão
Avenida Barão de Trovisqueira — Famalicão

MARIA FEYO

A JEAN FINOT
A MAGALHÃES LIMA

Calvario de Mulher

O PREJUIZO DOS SEXOS
DENTRO DO
PREJUIZO DA GUERRA

LISBOA—1915

Obras da mesma autora, já publicadas:

Conferencias:

Para as crianças.
Argumentos.
Verdades.
Fiat-Lux.

Trabalhos em preparação a sair brevemente:

Cartas a Maria Luiza.
Episodios de amor.
Fragmentos de alma.
Ideias.

PROLOGO

OFERECIDO pelo autor ao ilustre Português, Magalhães Lima, viera ter ás minhas mãos sequiosas de luz e justiça, o magnifico livro de Jean Finot *Les Préjugés et le Problème des Sexes*. O misterioso e previdente ocultismo estabelecêra a sua corrente transmissora entre sêres de afinidade. Folheei as primeiras paginas. Alumiou-me um clarão. As seguintes adivinhava-as antes de as lêr. A sua luz inspirava-me antes de irradiar. A sua essencia pressenti-a antes de suavizar de con-

forto a sobrevivencia do meu passado amargurado. Nunca um livro d'este genero me fôra tão grato na sua nitida expressão da verdade. Nunca outro me falára mais sugestiva e tocantemente ao coração e á consciencia. Traçou-me na imaginação o esboço d'este. O primeiro é um livro de razão, de luz, incrustado n'uma subtil sensibilidade artistica e humana. E' profundo, é scientifico. Este é um livro de realidade e sentimento. Encontram-se na essencia. Completam-se no sentido. Desdobram-se no efeito. O primeiro é a alma d'este, e este é a alma do primeiro.

Este meu trabalho não representa uma obra literaria ou scientifica.

E' um livro expontaneo, verdadeiro. São paginas de alma abertas pelo escalpelo do martyrio. Reside n'esse facto o seu unico valor. Tudo o que se colhe do natural é

sincero. E tudo o que é sincero, é caloroso, é sugestivo. Deve por isso produzir uma impressão de intensa realidade.

Foi escrito de um jacto. Em alguns dias apenas.

Testemunharam esse facto os meus ilustres camaradas e bons amigos Magalhães Lima, Mayer Garção e Sousa Costa, que me ajudaram na revisão das provas sem outra colaboração no seu conjunto. Visitando-me com uma grata frequencia de aliados espirituais, viram-me trabalhar febrilmente na sua execução. E surpreendia-os a rapidez com que o tracei, ao correr expontaneo da pena.

Convenceram-se de que, na sua modestia, é sómente obra minha, gerada na inspiração da dôr vivida que refloresce em amor humanitario sentido e verdadeiro. E que todos os raciocinios que ex-

ponho sobre coisas que nunca estudei, são obra do instinto, talvez convertido em *medium* de algum espirito mais culto e superior do que o meu.

Tem defeitos? Sem duvida, e muitos. Mas eu considero-me apenas o mineiro obscuro extraíndo a pedra em bruto que será diamante fulgido.

Os grandes sociologos, os grandes filosofos e psicologos como Jean Finot, que a facetem para que irradie em maior brilho a sua transparencia doutrinaria. Esbocei os traços de uma intensa verdade, colhidos de uma verdade intensa.

Que a justiça e a razão a proclamem, a defendam e a compreendam.

1.ª PARTE

A Mr. Jean Finot

MESTRE: ——

ão nos conhecemos pessoalmente; todavia, conhecemo-nos profundamente.

Quando existe uma afinidade de principios e uma espiritualidade semelhante de aspirações humanitarias, nunca se é desconhecido.

E na vossa obra tão nobre, tão admiravel e justa, vive realmente o meu espirito e a minha alma, assim como os meus sonhos ardentes de libertação e de justiça.

Sou uma mulher quasi obscura. Mas sou uma irmã espiritual do vosso Ideal.

Identifico-me absolutamente com a vossa mentalidade de sociologo, cujos argumentos cheios de razão, de justiça e de verdade se iluminam de reflexos de uma bondade transcendental.

As vossas ideias revelam não só uma grande clareza de senso ético como tambem um espirito subtil, investigador.

A toda a parte onde chegue a minha voz, ela será um eco das vossas doutrinas.

E a minha devoção não exprime unicamente um sentimento pessoal; traduz tambem o da alma torturada do meu sexo.

Tenho sido uma vitima do prejuizo dos sexos. E d'esses prejuizos resultaram efeitos pessoais e sociais.

Poderia ter feito uma ampla obra social necessaria ás exigencias da humanidade, se esses mesmos prejuizos o não tivessem impedido.

Hoje sou uma vitima torturada de sofrimentos.

Não disponho de recursos artisticos, scientificos, sociologicos, como seria necessario para produzir um bom trabalho sociologico.

Possuo unicamente a educação do sen-

timento e da ideia esclarecida e depurada na experiencia dos factos.

A minha obra tem apenas o merito da espontaneidade da emoção intensa e da intuição profunda.

¡Quanta magua me oprime quando reconheço os defeitos d'essa obra!

Vejo n'elas as consequencias terriveis do desdem convencional que imobiliza as vocações femininas reclamadas pelas leis naturais para adiantar o aperfeiçoamento das almas e das consciencias.

¡Que grande erro é o que protege a ignorancia psicologica, destruindo as garantias do progresso, no esquecimento votado á mulher!

A minha vida é a prova infalivel das vossas nobres teorias, proclamando a verdade através das leis soberanas que regulam o Universo.

A escravidão da metade do genero humano é um crime social, um atentado *contre-nature*.

Vós o afirmais teoricamente.

E a minha vida o confirma praticamente.

E' a razão que fala dentro da minha dôr, talvez indicada pelas forças dinamicas para ser um simbolo de luz.

Eu sofri durante longo tempo.

Dapois um dia o Destino, a dôr extrema e a compreensão tardia dos meus direitos, lançaram-me no caminho escabroso das reivindicações femininas.

¡Que combate desigual, formidavel, tenho sustentado!

¡Quantas injustiças esmagam as pobres mulheres em luta com as falsas concepções éticas!

¡Que tragedia de angustias, de humilhações, de injustiça, de desolação e dificuldades teceu uma corôa de espinhos que refloriu em dôr dentro da minha alma!

Essa dôr, transformada em fé obstinada e ardente, é hoje a arma d'aço do meu combate inspirado n'um grande Ideal.

Tudo o que faz o desgosto e o descontentamento da vida me feriu.

Tudo o que constitue a alegria de viver e as exigencias afectivas e espirituais das naturezas intensas me devorou o monstro feroz que se chama convenção, o carrasco da felicidade humana que se chama inconsciencia.

Só, quasi exilada, prejudicada pelas consequencias da ilegalidade dos direitos conjugais, que permitem todos os erros

administrativos ao soberano do *ménage*, eu tenho sofrido amargamente. Uma força, porém, me fortificou: a confiança no meu instinto; e uma consolação me deu coragem: a luz da minha consciencia exclusivamente dedicada á causa sagrada da humanidade.

D'esta fórma se explica o meu gesto oferecendo-vos este trabalho insignificante mas sincero.

¿Que direito tenho eu para realizar esse gesto? O direito do reconhecimento que conduz as vitimas junto do seu advogado. E ainda o direito das leis naturais que atraem os espiritos precursores através da transmissão dos pensamentos, irmanando as suas ideias n'uma só e generosa aspiração. Hoje a minha alma, o meu coração, o meu espirito, a minha consciencia, são raios de fé alentados pelo martirio e pela convicção de que existem poucas mulheres aptas para exteriorizar sugestivamente os seus pensamentos, e trabalhar activamente pela libertação do seu sexo.

Ao presente o meu sonho condensa-se no desejo de comunicar o fogo ardente das minhas aspirações libertadoras a todos os espiritos, a todas as almas de *élite*,

para activar a emancipação e a concordia do genero humano.

N'esse intuito desejava aproximar as forças intelectuais dos artistas portugueses n'um nucleo associativo que gerasse a consubstanciação das ideias, dos sentimentos e das iniciativas, fertilizando d'essa fórma o campo inculto das humanas reformas sociais.

Mas, ¡suprema desolação!

No meu paiz não ha elementos suficientes para organizar uma semelhante agremiação.

O scepticismo e o pessimismo do seculo alimentam a obra da demolição. E os costumes, favorecidos por falsas concepções, desdenham de todo o esforço fóra das tradições.

Estes costumes são a placa da rotina conservadora. E sobretudo, a acção e a voz da sensibilidade feminina, são pequeninas gotas de orvalho perdidas no mar agitado das paixões politicas e das leis tradicionais e obscurantistas.

E, salvo raras excepções, ignora-se e esquece-se que as causas pessoais são as causas gerais. E que a causa da mulher é a causa dos dois sexos, é a causa da humanidade, a causa universal, a causa

que precipita as pertubações horriveis da guerra e as anarquias nacionais e internacionais.

Em Portugal existem certamente grandes mentalidades, belos e luminosos espiritos, soberbos talentos artisticos. Falta, porém, o interesse pelas concepções que demonstram o prejuizo dos sexos.

A ideia feminista existe unicamente em teoria, mas muito pouco em facto. D'aí a necessidade de activar o movimento emancipador que é a carinhosa preocupação do vosso espirito e dos sociologos modernos, entre os quaes vós vos destacais como uma verdadeira gloria humanitaria e altruista.

O que é essencial no meu paiz é estabelecer uma permuta de relações espirituais entre os sociologos estrangeiros e a nossa *élite* intelectual. Seria preciso ligar, n'uma corrente hipnotica de sentimento, todas as energias emotivas e ideologicas para as encadear n'um laço de simpatias florescendo em inspirações creadoras e evolutivas.

Esta confraternização produziria certamente a reacção ética do espirito português, estabelecendo ao mesmo tempo principios mais justos sob o ponto de

vista da sociologia moderna que estuda o problema dos sexos e da familia.

A França é a *alma mater* da civilização, o facho triunfante das mais belas conquistas do pensamento humano; e vós sois um glorioso interprete das suas belas ideias civilizadoras.

Sois tambem um amigo dedicado e carinhoso de Portugal e do seu progresso.

Estas duas maravilhosas circunstancias inspiraram-me um desejo sedutor. Seria estabelecer a identificação do vosso espirito e da vossa orientação sociologica, tão fecunda e redentora, com a flôr da intelectualidade portuguesa que oferece garantias para um movimento de progresso ao mesmo tempo estetico e humanitario.

D'esta fórma se estabeleceria uma cultura permanente de creações no vasto dominio dos sentimentos e das ideias.

¡Quantos estimulos fecundos!

¡Quanta inspiração creadora!

¡Quantas chamas ardentes podiam engendrar os belos pensamentos, as reacções sagradas da fé, a confraternização de esforços generosos tão necessarios á marcha vitoriosa do progresso!

Entre muitos nomes que sobresaem

na orbita da intelectualidade nacional, menciono alguns belos espiritos que eu conheço mais de perto e com os quais penso realizar esta associação internacional de humanidade e progresso.

O primeiro é o de Magalhães Lima.

Ha muito que conheceis esse nome brilhante, que admirais como de resto todos os grandes intelectuais e pacifistas do mundo literario e scientifico que rende homenagem á sua mentalidade admiravel, ao seu coração de cristalina bondade, ao seu caracter imaculado e á sua consciencia identificada com todos os nobres pensamentos de justiça, de amor e de liberdade.

Ele deve ser o director espiritual e querido d'essa obra confraternizadora.

Menciono outros nomes de brilho que deverão cooperar n'essa bela iniciativa. São autores de belas obras literarias e jornalisticas que todo Portugal admira.

Antero de Figueiredo, Julio Dantas, Mayer Garção, Sousa Costa, João Grave, Afonso Lopes Vieira, João de Deus Ramos, João de Barros, André Brun, Joaquim Manso, Antonio Correia de Oliveira, constituem, entre muitos outros, uma honra á literatura nacional e estão comigo em pensamento.

Na esfera feminina destacam-se tambem nomes de valor que apoiarão esta iniciativa.

Em primeiro lugar a Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Esta mulher extraordinaria, tão justamente glorificada por todo o mundo culto que admira os seus meritos de filologa, de investigadora eminente, é uma amiga de Portugal, que a venera extremamente pelos seus magnificos trabalhos historicos, artisticos, scientificos, consagrados ao estudo da nossa literatura, da nossa lingua, das nossas tradições.

Ela é uma amiga espiritual das minhas ideias e uma dôce consoladora das minhas dôres.

O seu nome prestigioso representa sem duvida uma força suprema para esta agremiação.

Outras mulheres ha ainda que teem o seu lugar superior na orbita intelectual e feminista.

D. Virginia de Castro e Almeida, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, D. Domitilia de Carvalho, D. Branca de Gonta Colaço, D. Lutegarda de Caires, D. Emilia de Sousa Costa, D. Maria Clara Correia Alves, D. Ana de Castro Osorio, D. Angelina

Vidal, D. Maria Benedita Mousinho de Albuquerque, D. Maria O'Neill, D. Maria Veleda e ainda algumas outras de mérito mas que eu não conheço pessoalmente.

Porêm o espirito associativo não está ainda cultivado nos elementos femininos. A intransigencia, a diversidade de seitas, talvez a intolerancia e os pequeninos nadas pessoais, prejudicam lamentavelmente as colectividades e engendram sistemas violentos.

Por essa razão as forças dispersas e mutiladas ficam n'uma fraca minoria.

Não existe esta rara intuição, esta sabia e subtil divisa da evolução de crear o perfeito dentro do imperfeito, inspirada pelas doutrinas do Evangelho que ensina a perdoar para aperfeiçoar, visto que cada um tem as suas fraquezas e os seus defeitos.

Seriam estes principios a alma da instituição nascente que deverá denominar-se *Congresso Permanente de Educação, Humanidade, Arte e Pacifismo.*

Este Congresso será um centro de permanente expansão moral, uma agencia de todas as belas ideias novas e de todas as obras emancipadoras.

Confesso-vos que os embaraços que dificultam esta inovação são formidaveis e que é preciso muita coragem, obstinação e confiança para afrontar os rudes golpes do pessimismo e da hostilidade quasi geral.

Mas a minha fé é tão grande como infinita é a minha, esperança. Creio por isso no exito d'essa iniciativa.

Conto com a vossa generosa cooperação e a de todos os vossos ilustres camaradas e compatriotas.

Nunca devemos duvidar do triunfo de todas as novas idealizações de bondade moral, cristalizando a essencia do Bello e do Justo.

Ha uma força suprema que triunfa sempre. E' a que nasce do sentimento. E' ela a estrela das mais audaciosas conquistas da ideia.

Mas é preciso que se agite activamente, n'uma larga esfera. E' preciso que atraia e aproxime os espiritos e as almas n'uma atmosfera de amor e doce emoção de elevação espiritual, que estreite os laços das simpatias esteticas e emotivas.

Os deveres do humanitarismo transformar-se-hão então em fonte de doces consolações, de intimas e puras alegrias.

O vosso espirito de bondade o compreende decerto, ligando-se á obra de educação moral a que prendo os meus sonhos, e onde o vosso nome ficará esculpido como um disco de exemplar e nobre grandeza espiritual.

A Magalhães Lima

Meu ilustre camarada nas ideias Pacifistas:

Quizera eu que o seu iluminado espirito de Pacifista convicto e ardente, conhecido e admirado em todos os centros do Pacifismo mundial, fosse aí interprete da ideia e do sentimento de uma modesta obreira d'esse grande ideal, obscurecido ao presente pela sombra de uma realidade brutal.

E, fazendo do meu coração o portavoz das anciedades de resgate que estremecem a alma do meu sexo oprimido, em prejuizo de toda a humanidade, confio em que a sua palavra vibrante se fará eco das verdades que exponho. Porque elas significam a razão de que depende a evolução gradual da consciencia humana escravizando por ser escrava de seculares e negativos principios.

Mantem o meu ilustre camarada uma permanente e honrosa corrente de relações confraternizadoras com os mais notaveis e emeritos sabios e sociologos de todo o mundo intelectual e scientifico que o veneram, admiram e consultam. Por isso nenhum outro Português, apaixonado pelos graves problemas da emancipação social, póde realizar melhores trabalhos de brilhante e vasta propaganda pacifista e feminista. Estão estas duas causas intimamente ligadas uma á outra.

De ambas depende a harmonia Universal. Mas a causa das causas reside na subalternidade da situação feminina. E' esta minha afirmação o fruto sazonado de uma penosa experiencia destinada a cristalizar em simbolismo confirmativo das teorias de eruditos pensadores que estudam o prejuizo dos sexos com emoção, profundeza, justiça e humanitarismo. Deponho por isso dentro da sua alma de altruista, de sonhador, de intrepido e admiravel combatente a essencia dos meus sonhos de impenitente idealista. Porque esses sonhos penetram a visão longinqua da felicidade humana obtida pela Paz, irmã do Amor. Embora o pessimismo doentio do seculo a envolva em

roupagens de poetica quimera, e o atavismo barbaro comprometa o triunfo da sua realidade, ela virá a ser no futuro a mais gloriosa conquista da humanidade liberta de tradições decadentes. Que o espirito da mulher seja chamado para cooperar n'essa obra de resgate. E que não pare de esvoaçar no espaço infinito da crença a aza imensa da sua imensa fé. Que essa fé seja a bandeira branca sempre arvorada e bela fluctuando ao sôpro ardente do ideal que professam todos os pacifistas nossos irmãos espirituais. E que a sua palavra eloquente e sugestiva de evangelizador, lhes leve o eco d'esta minha sentida exortação.

Com a afectiva espiritualidade de pensamentos irmanados, creia-me sua camarada muito grata.

Ludibrio de concepções

---

a ancia infinita de obter dentro da vida o baptismo da felicidade, ¿quais são os pontos em que se fixa inquietamente o olhar febril da humanidade sequiosa de realizar a sua aspiração? A riqueza, a gloria, o amor, o triunfo pleno dos seus sonhos dentro da insaciedade das maiores ambições.

O problema da felicidade tem merecido as locubrações minuciosas e profundas da sciencia. Mas parece, afinal, que se a sciencia consegue vislumbrar os tesouros da verdade entranhados na alma misteriosa da natureza, os apresenta á humanidade n'um estojo de teorias tão longe do seu obscurantismo, tão fóra do alcance do seu entendimento, tanto em contraste com as suas atavicas expressões, que, em vez da gradual e fecunda evolução, observa-se o tumulto, o abôrto das

ideias, o desvairamento aniquilador e as guerras. Creio que está errada n'este ponto a solução do enigmatico problema da evolução, relativa ao exito da felicidade humana. Talvez porque filosofos e doutrinarios se desviem dos processos em que deveria florescer a cultura dos seus principios. O exclusivismo concentra-os demais na sua esfera, abstraidos do meio em que vegetamos. A sua percepção ideologica e investigadora investe-os realmente da missão de arautos do futurismo. Mas, se lançarem sobre a charneca inculta do tradicionalismo enraizado e pêco a semente do seu vidente racionalismo, alheiam-se da infinita contingencia de desequilibrios que marca muralhas de diferença e de quilate entre a consciencia esclarecida do sabio, a sua concepção educada, e a ignorancia, a inepcia de multidões mergulhadas n'um embrutecimento quasi irracional.

Assim, por exemplo, os livres pensadores proclamam a livre consciencia, o estado de perfeição do homem, obedecendo apenas á voz interior do dever e da razão sem outra religião, senão a do bem dentro da natureza, sem outro dominio senão o do entendimento esclarecido, co-

mandado pelas leis do amor, que é lei suprema da verdade, da razão, da justiça e da harmonia. Ora se estes principios nem sempre são observados por esses espiritos, educados, embora, mas sujeitos ás influencias ancestrais e aos influxos perniciosos do meio, ¿como podem obter resultado da sua obra revolucionaria impondo-a a uma sociedade ignara, fragil de consciencia, cheia de mazelas fisiologicas e psicologicas, exposta á tentação, ao vicio, ao crime, que produz condutas imperfeitas? Claro que teem de ser guiadas gradualmente ou por uma influencia inconsciente que impõe o temor de um Deus para sofrear o delito, ou ministra o balsamo do confôrto na ingenuidade da crença alimentada pela religião.

Os livres pensadores, não deveriam blasfemar violentamente contra a religião e a Igreja. Porque durante muito tempo elas constituiram uma necessidade psicologica de raças saturadas de misticismo, eivadas de preconceitos, mergulhadas no misterio do infinito. Antes insinuassem brandamente as suas teorias por meio de razões sugestivas e dissessem ao Povo perpetuando a voz doce, clarividente, do

Cristo, o inspirador imortal da felicidade humana.

«As religiões constituiram, na vida primitiva, uma fórma de regulamentar a anarquia selvagem dos espiritos incultos e dos Povos barbaros.

Mas á medida que os espiritos passarem pelo filtro da verdade, explorada pelos dados da sciencia; quando o homem, fortalecido de corpo e alma, atingir a preparação para ser perfeito sómente pela consciencia do dever e pela razão educada, então os dogmas das religiões antigas creadas pelo homem e sofismadas pelo tempo, serão desnecessarias para o funcionamento de uma sociedade harmonica. Por emquanto, porém, a religião melhorada tem de servir de roda transmissora. O homem de hoje é uma natureza fragil, é vitima de ancestralidades, de assaltos pecaminosos que o meio ambiente predispõe. Desconhece em maioria a religião do bem, escudada no dever; a religião pura, espontanea, que sem interpretes de uma fé que não seja a propria fé, nos impõe as maximas que sairam dos labios maviosos de Cristo, dizendo aos apostolos: «Amai-vos uns outros como a vós mesmos», dizendo ao Pai: «Perdôa-lhe»,

Senhor, que eles não sabem o que fazem», dizendo ás multidões egoistas: «Não faças a outrem o que não quizeres que te façam a ti», e dizendo aos fariseus que insultavam aquela sublime pecadora que a sua alma feita de amor ungia de perdão: «Aquele que de vós não pecar, atire-lhe a primeira pedra».

Dois mil anos são passados depois que estas sublimes doutrinas se repercutiram em ecos de suavissima harmonia nos vales floridos da Galileia. Dois mil anos tem devorado a marcha inquieta e constante do tempo depois que o injuriado e crucificado simbolo da redenção expiou amarrado á cruz do martirio o crime do seu amor imenso e sublime pela humanidade.

Subsiste a essencia dos seus mandamentos; quer se lhe chame religião catolica ou consciencia livre, socialismo ou anarquismo. O fundo da ideia é sempre o mesmo. A composição e a execução do principio é que lhe distrai o efeito. Porquê? Porque se combatem erros de tradição com erros de violencia. Tiranias sectarias com despotismos demagogicos. Jesuitismo inquisitorial com jesuitismo politico disfarçado em fórmulas de quimica

diversa, mas tão corrosiva como a antecedente. ¿ O que afinal transparece d'esse aspecto embaciado de decadencia e desgraça? E' que acima de todo o esforço de redenção, sobresai no nosso barro fragil, os microbios que provocam a infelicidade dos Povos na sobrevivencia do egoismo, da vaidade, gerados da maldade e da ambição.

Chamem-lhe o direito das nações; chamem-lhe heroismo dos homens; chamem-lhe a grandeza dos Povos; a defeza da Patria; tudo emfim quanto póde cobrir de aspectos atenuantes o efeito que tem origem nas paixões deshumanas e sofregas das creaturas. No fundo ha só egoismo, ha só vaidade, ha só interesse; quer seja o egoismo de um rei, imperador, general ou chefe republicano, subordinando ao seu dominio o egoismo dos que lhe obedecem por egoismo; quer seja o egoismo de um Povo que tem a ambição de absorver outro Povo; emfim, quer seja a vaidade e o interesse de um grupo absorvente, envolvendo a vaidade e o interesse de muitos, sugestionando a violencia e aniquilando pelo devaste. E chamem os Povos *vencer* á conquista que alargou o seu territorio, mas mutilou e

disseminou barbaramente a sua população, dissolvendo a sua riqueza artistica, argentaria, industrial ou rural, tudo o que emfim representa grandeza e que só em esforço de seculos voltará a ser reconstruido. E sobretudo, que triste conquista a que faz recuar a obra da civilização reavivando a barbaridade, preparando pela dôr, pela agitação de sentimentos angustiosos ou maus, pela inquietação, os tormentos e as privações, gerações decadentes, crueis, sequiosas de novas vinganças.

¡E era tão simples, a harmonia! Mas é tão dificil, afinal!

Bastava que cultivassemos as quatro maximas morais que apontei. Bastava que essas profecias de Pacifismo, esculpidas em traços imortais na rigidez da grande muralha de egoismos que avassala o mundo e as consciencias, — disfarçada em razão, suplantando o amor em simulacro de amor, — diluissem em raios quentes, dulcificadores, a congelação brutal d'esse bloco de egoismo que petrifica a vida universal. Bastaria ainda que cada criatura incrustasse na sua consciencia a legenda inscrita no templo de Delphos: «Homem, conhece-te a ti mesmo para te-

res a chave da felicidade.» E depois, somando as nossas imperfeições, maiores ou menores consoante as condições, o atavismo e o grau de vida, todos trabalhariamos unificadamente pelo triunfo do nosso *eu*. E d'aí nos viria a devoção pela obra do aperfeiçoamento fisico e moral de organismos doentes, vegetando n'uma atmosfera viciada de hipocrisia, de degenerescencia e mentira. Diminuiria o egoismo, a tirania, a ambição, o exclusivismo que destroe tantos elementos de progresso.

O sabio, o reformador, não se esterilizaria no exclusivismo do seu principio, desdenhando a multidão que ainda está tão longe do seu *visionalismo* e que, portanto, ele mais afasta da perfeição, quanto mais a afasta de si. Era assim que Nietzche tapava o nariz á culinaria torpe do altruismo, desdenhando as massas que o exerciam como fórma de aperfeiçoamento.

¿Não seria mais humano aproveitar essas forças imperfeitas, melhoradas, ascencionalmente, gradualmente, para dentro d'elas ir semeando novos principios?

Talvez. E na sciencia como nas ar-

tes, o exclusivismo destroe mil agentes de progresso.

Por vezes o fanatismo, exclusivista, o espirito de contradição que é quasi sempre egoismo ou snobismo, esteriliza o ingresso de ideias uteis. Uns porque se fanatizam até só verem as aguias que pairam alto, na esfera da arte; outros porque não vêem nada, julgando vêr muito. Surge uma ideia, um esforço, um livro, uma doutrina de intuitos moralizadores, generosos. ¿Não tem revestiduras de arte suprema? ¿Não fala á caprichosa e ligeira reflexão d'espiritos leves? ¿Não a circunda a auréola fulgente da fama? Inutiliza-se, condena-se. Desvaloriza-se o engenho que sobe do coração ao espirito, vivificado pela chama ardente da fé e que nos impõe o dever de aproveitar todas as forças, todas as vontades, todas as iniciativas extraindo-lhe o que tem de bom, fazendo-as realçar e frutificar. Porque são poucas, são urgentes, *todas, todas,* as energias que, pela razão e pelo sentimento, possam actuar beneficamente n'este cáos de anarquia, de confusos delirios passionais que provocam a miseria e a desgraça.

¿Será utopia o meu prisma? ¿Não terá

tudo quanto aqui digo o cunho da razão scientifica? ¿Não será profundo? Não será, não, mas é humano. ¿A filosofia é incompativel com o lirismo? ¿O seu dogma é a evolução que se precipita em movimentos bruscos, determinados por uma logica fria e arida? ¡Mas então aí temos a obra d'essa razão a desenrolar-se em ondas de sangue e tirania!

E' que talvez por ter imperado demais a frieza da razão filosofica, fóra da chama fluente e dôce do sentimento, é que o sôpro glacial do egoismo pessimista congela os espiritos e as consciencias.

E' talvez por isso mesmo que, em vez de se ensaiarem os acordes da emoção, que harmonizaria o côro da bondade e da Paz, sôam os clarins sangrentos da guerra que proclamam o triunfo legendario e barbaro da tirania.

E' o lirismo que tem de ser o perfume, a graça, o sorriso da filosofia, para fazer d'ela a luz, o calor que ha-de desabrochar em rosas de amor, no tronco mutilado da verdade.

Dentro d'estas expressões da alma que ao correr da pena vou transmitindo ao papel, talvez algum espirito de eleição surpreenda essa mesma verdade. Talvez

a surpreenda e realce. Talvez, através d'ela, desdobrem vôos mais grandiosos, as azas do genio fluentemente viril e impressivamente lirico. Lirico, sim, d'esse lirismo que perfuma as almas com a rescendencia do seu sentimento, que amacia os instintos com o sôpro ideal da sua poesia, e que converte rebeldias de pensamento com a sugestão galvanizante do seu fluido comunicativo. Entre a flôr de talento que germina no seio generoso da minha linda terra, algum artista, algum poeta, algum sonhador ardente e libertario haverá que se interesse por essa verdade, ampliando-a em faiscas de espirito que fazem da pena um chuveiro de astros e de lirios. Que ele diga á filosofia e á tradição que todas as ideias sossobrarão emquanto as não elaborarem em comunhão com uma alma de mulher.

Decerto algum dos tres artistas que de mais perto conheço, se fará eco da voz que pugna pela emancipação humana suspensa da harmonia dos sexos. Mayer Garção, o libertario poeta do amor e da beleza. Antero de Figueiredo, o scintilante esteta psicologo. Sousa Costa, o romancista de brilho e emoção. Que eles o digam, porque o sentem e compreendem,

que a mulher representa o exito da confraternização e do progresso social quer seja uma madame Curie, fio condutor da radio-actividade, uma Jeanne d'Arc que é um clarão de fé, uma madame Roland toda liberdade, justiça e amor, e guilhotinada em nome d'essa liberdade. Emfim, evangelizadora, libertaria, inspiradora, educadora, camarada, mãe, irmã, noiva ou amante, é o seu lirismo educado, a sua acuidade de pensamento bem dirigida, a sua alma engrandecida e mimosa, que falta na obra estacionaria da redenção. Foi o mais assombroso filosofo e o mais emotivo lirico que na epopêa do cristianismo preparou o seu advento. Talvez porque incarnava em si, n'uma dualidade singular, de precursor, a feição sentimental da alma feminina que ha-de retemperar a razão do filosofo e a razão do filosofo que ha-de fortalecer a sensitividade da mulher para realizarem a harmonia do conjunto. Ele o poeta, o vidente, o doce, o humilde, o sonhador, o libertario, o filosofo, revive cada vez mais na verdade imortal, quanto mais a luta e a decadencia da humanidade demonstra a luz clarividente dos seus pensamentos. Não emmudecerá a sua voz repercutida á dis-

tancia de seculos na alma da mulher, na alma dos poetas, na alma de todos os baptizados pelo privilegio da bondade e da emoção para explorarem o filão da verdade.

Como o doce murmurio de uma limpida nascente que se depara á sêde requeimante do viajeiro errante e solitario, assim o eco sonoro d'essa voz nos enleva como uma sinfonia de esperança que irradia acima da chamejante fuzilaria das infernais invenções de guerra. E' ela, essa esperança, que cristaliza em fé, em emoção, cantando na lira dos poetas em versos que faz bem repetir e imortalizar, divinizando poetas como Gomes Leal:

«Ó suaves mulheres que ides cantando
Através das searas e das vinhas,
Vinde ouvir uma historia em verso brando
Que hei-de ensinar a lêr ás andorinhas.»

Calvario de Mulher

Tambem eu vou contar uma historia. E' triste. E' vulgar. Mas é na sua vulgaridade que está a sua importancia. Porque é nas coisas mais simples que ás vezes se encontra a solução das coisas mais graves.

A minha historia não é um romance de lances tragicos que produzem os dissolventes *frissons* na multidão.

Não é uma novela de amores e aventuras filigranadas em arabescos de arte voluptuosa e ligeira.

Não é tambem uma tese scientifica, baseada nos dados da matematica que dirige os olhos dos sabios para o vago e oscilante misterio dos astros para sur-

preender os enigmas da genese e da evolução.

Quando, afinal, o fio do maior enigma parece residir nas entranhas da terra. Sob a fórma quasi incorporea, invisivel, o seio d'essa terra, inexplorada e humilde, oferece á surpresa da sciencia a fulguração maravilhosa do radium. Da penumbra, da obscuridade, n'uma irradiação que é quasi um misterio, surge esse fluido imperceptivel, essa surpreendente e nova revelação quimica que vem suplantar todas as bases antigas da sciencia extraídas da quimica e da fisica classica.

E' o radium triunfante.

¿Que poder occulto que a intuição de M. Curie tem penetrado, o revelou para revelar a verdade? ¿Não será ele o predominio dos principios naturais? ¿Não representará o positivo vencendo o negativo? ¿Não será esse mesmo fluido radio-activo o poder supremo da natureza dirigindo certos instintos que vão surpreender no coração da vida, intensamente vivida, a revelação de verdades que demonstram a negação de principios gerados na mentira?

¿Não será essa a força occulta, que ele-

ge certos sêres de que faz os mediuns da sua onipotente e intangivel creação, demonstradora dos erros preconcebidos no erro?

A minha historia resume uma vida de mulher.

Ha n'essa vida o que ha em muitas. Muita injustiça, muito egoismo vencendo a razão sob fórma de direito.

¡Parece tão natural, esse direito!... ¡E afinal é tão deshumano! Os incidentes que vou relatar, são tudo quanto ha de mais normal segundo o criterio dominante. Mas é aí que está o fio do enigma, a importancia da minha tese.

Um caso, não representa uma generalidade. dirão.

¡Que importa! A causa do efeito, reside n'uma causa comum. Que ela determine factos com variantes e aspectos diferentes, é um caso secundario, desde que, em conjunto, as consequencias agravam a vida social.

E essa consequencia dá-se fundada sempre na mesma origem,—a desarmonia dos sexos. Ela estende a sua garra funesta por toda a superficie da vida Universal.

Ela existe, alastra, dissolve, infelicita, enlouquece, aniquila e mata.

¡Mata, sim! Estrangula os elementos da felicidade, gera a discordia e o desmembramento da familia e da sociedade.

¿Podem porventura existir todas as demonstrações d'este facto dentro de uma vida de mulher? Podem, desde que essa vida é por assim dizer um fenomeno destinado a concentrar em si uma soma de provas para depois as projectar com o mesmo privilegio da radio-actividade concentrando e projectando as energias da quimica natural. D'aí a demonstração positiva e clara da verdade ligando o fio das conclusões psicologicas.

E, evidentemente, elas comprovam o reflexo que teem nas perturbações gerais as injustiças, os sofrimentos, as humilhações, as erradas concepções que fazem da mulher uma vitima e uma revoltada, da familia uma tempestade, e da sociedade uma anarquia.

O episodio que relato justificará esta asserção.

Um dia um capricho do determinismo poz em frente de um homem irreflectido e impulsivo uma rapariga gentil, envol-

vida n'um véu de ingenua e inexperiente adolescencia.

Era uma criança de quinze anos incompletos. Tinha trinta, o homem que d'ela se enamorou n'um singular *coup de foudre*. Dir-se-ia que o electrizára repentinamente, á distancia de uma plateia para um camarote, um fluido magnetico irradiando atracção, d'essa natureza vibratil, destinada á humana missão do sacrificio.

Dentro de algumas horas era solicitada a sua vida para partilhar a vida do homem que tão ligeiramente pensára constituir familia.

¿ Fôra este original incidente uma obra do acaso ?

Não, não era. O misterioso comando da natureza, que tudo regula, aproximára elementos opostos para que do seu choque iminente brotassem faiscas de luz tão precisas para iluminar as trevas convencionais. Este episodio era a continuação de um simbolismo que começava nas influencias ancestrais originadas na ilegalidade de direitos do homem, e seguia nos efeitos de uma educação conventual, impropria, contraria á natureza de certos sêres, para continuar nas condições em

que se ia iniciar uma desastrada união conjugal.

Ao receber a noticia da inesperada solicitação, foi de surpresa a impressão que espavoriu a alma candida da pobre rapariga. Um vago presentimento a agitou intensamente. Mas era tão imprecisa e confusa a força de seu raciocinio!...

A vida era para ela, como para quasi todas as raparigas da sua idade, a superficie de um oceano ondulando em leves cuidados, e de que se desconhece a agitação, a profundeza imensa e traiçoeira. Assim, interesses de familia, sugestões diversas, anceios de uma vida larga, bemfazeja menos reprimida menos claustral fóra do ambiente familiar, certas reacções sentimentais que provocavam o desejo de abnegação, venceram todas as hesitações. Casaram. Segundo os velhos costumes provincianos o casamento realizou-se á meia noite na nave sombria e escura de um templo antigo, á luz sinistra e tremula de cirios a lembrarem a luz que acompanha a morte. E, morte era afinal a d'aquela mocidade cheia de seivas que ali prendia o seu destino á cruz de futuro calvario.

¡Como tudo aquilo era lugubre, sombrio, e fazia tiritar de intima e disfarçada tristeza a alma sonhadora e infantilissima da noiva da desdita! Porque tão sombrio era aquele aparato, como é densa a treva do obscurantismo, conservando habitos que fazem procurar a sombra da noite para esconder a realização de um acto que devia celebrar-se em pleno dia, em plena aleluia da natureza, que indica na sua harmoniosa criação, a união dos sexos como perpetuação da vida e do amor, base eterna da felicidade e da existencia.

E' certo que não era o verdadeiro amor que ligava aquelas duas existencias. Da parte do homem existia o momentaneo efeito de uma galvanização material que o atraía para um corpo moço e gracil. Do lado da mulher dava-se um conjunto de circunstancias bem longe do amor que corresponde á atracção simultanea de corpo e alma, sem a qual nenhuma ligação póde ser feliz. E foi assim que uma criança sensivel e inexperiente, entrou na grave situação conjugal.

¿Que preparação levava para tão dificil missão, que garantisse felicidade? Ne-

nhuma. Era uma ceguinha. Partiu do desconhecido para um desconhecido. Jogou infantilmente a sorte e a liberdade. Lançou o coração e a vida ao acaso. ¿Quem lhe estudára a psicologia de emotiva e intensa, feita de contrastes e manifestações anormais? ¿Quem lhe robustecêra o organismo fragil? ¿Quem lhe preparára uma razão solida? ¿Quem lhe formára um caracter energico ¿Quem lhe fortalecêra o espirito impressionista e vivissimo na ginastica de pensamentos reflexivos, graves e profundos? ¿Quem a instruíra, emfim, na sciencia da vida e nas melindrosas responsabilidades da familia e do lar? Ninguem. Porque, embora filha de Paes moral e intelectualmente superiores, a rotina prevalece no seio das familias. E aquilo a que se chama educação primorosa, sem noções de psicologia sobre a vida e a natureza dos sêres, não prepara as raparigas senão para serem mulheres infelizes, inconscientes, alheias á sua missão, vivendo á tona da vida, hastes morbidas e frageis de onde só brotam rebentos imperfeitos, forças depauperadas que degeneram em agentes de dôr e desgraça.

Os prejuizos da Educação

Existiam no entanto na natureza d'esta mulher, latentes e desconhecidos, os germens prometedores de faculdades de excepção. Manteve-os em embrião o sistema de educação esterilizante que prevalece, e a iniquidade dos direitos conjugais que destroe, esmaga e retrae. Era iminente o conflito que prepararia a desarmonia e a derrota de duas existencias. Em breve ela se acentuou. Aquela alma de criança, mimosa como uma sensitiva, impregnada de sentimentalismo, carecendo de um ambiente de carinho, de delicadeza e ternura para desabrochar n'uma plenitude de manifestações superiores, começou de sentir-se amarfanhada, fenecida, ferida nas asperezas de um caracter oposto, na rudeza da hostilidade intransigente e absoluta que é norma preceitual da maioria dos lares.

Era dura, era convencionalmente aspera a mão a quem competia guiar uma criança, bruscamente arrancada ao regaço materno, educando-a com o carinho e a delicadeza compativeis com um temperamento emotivo disposto a todas as susceptibilidades.

Um vago e incontido desconsolo começou de abalar a sensibilidade d'aquela natureza requintada. Esmorecia-lhe a alegria de viver. Na penumbra dos vagos e imprecisos raciocinios, ela tinha a consciencia de ser afrontada de continuo na sua dignidade, rebaixada por censuras injustamente dirigidas á sua inculpada inexperiencia de criança. Veja-se n'este caso a desumana injustiça da inconsciencia que prevalece na sociedade.

A incuria votada á educação, rigorosamente fisica, moral e pedagogica, que devia dar-se á mulher, produz efeitos como o que prevalecia n'este caso. Em seguida constitue outra derivante de desarmonia, a irreflexão de um homem que cubiça uma mulher sem indagar nem se preocupar com o seu sêr moral nem com a sua preparação. E a pobre vitima de todas essas deploraveis circunstancias, fica, a seguir, sendo o joguete das exigencias rudes do homem a quem nenhum direito assiste de condenar as consequencias da sua irreflexão, originadas nos impulsos materiais que cegam o raciocinio.

Ainda n'este caso, uma agravante excepcional o torna mais anormal. E' que esta criança inexperiente a quem faltavam

predicados praticos, dispunha de um grande instinto e de uma grande ambição de se aperfeiçoar. Era facilimo realizar a mulher exemplar, bem orientada, dentro de um lar sereno e feliz.

Mas ainda de permeio se levantava o eterno simbolo de injustiça. Era o sistematico espirito de contradição nascido do amor proprio, do instinto de dominio preponderante do homem, e que investe cegamente contra o direito, a razão, a justiça e todas as manifestações de alma e espirito, ainda as mais superiores. A culpa, afinal, não é do homem. Porque ele vem igualmente a ser vitima das situações que inconscientemente prepara. A culpa é dos costumes, é do meio, é das convenções. A culpa é de ambos, é de todos, é da colectividade que não reflete sobre a gravidade da situação, parcial e comum, e não aviva em si e em todos, a aspiração de a remediar.

Foi n'um tal presidio de escravidão, que esta alma inutilisára as suas melhores vibrações. E o espirito animado das mais nobres ideias, sistematicamente combatidas; o animo agitado dos mais generosos intuitos, sempre contrariado, foi pouco a pouco mergulhando no desalen-

to, depois na tortura, e a seguir no desespero que acabou na revolta dos sêres oprimidos no seu direito de viver e produzir, compativel com os elementos que a natureza lhes dera para realizarem a felicidade.

A inconsciencia maternal

Fôra mãe tal como fôra noiva. Ignorava todas as responsabilidades da sua nova condição. O filhinho, tão rosado e lindo, era nos seus braços de mãe um regosijo infantil, um brinquedo de graça, como o casamento fôra um amargo ludibrio, uma realidade brutal.

¿Que sabia ela d'esse delicado encargo maternal? ¿Quem lhe apontára a luz que devia esclarecer o seu espirito de todas as noções higienicas, pedagogicas e psicologicas, para educar aquele tenro fruto, que carecia de especiais cuidados desenvolvidos na atmosfera sadia que prepara organismos fortes, caracteres doces e resistentes, para serem na familia e na sociedade elementos de harmonia? ¿Quem lhe incutíra o suave dever de fazer d'aquela tenra vergontea, brotando de atavismos desfavoraveis, um vigoroso

tronco de robustez que constitue a semente de todos os germens da vida futura? Ela ignorava que é um dever humanitario e civico criar sêres aptos para realizar as funções da familia e da sociedade, e capazes de gerarem a sua prosperidade. Ela desconhecia a impressão grata que deve reanimar o coração de uma mãe consciente e educada, que sabe criar na religião da maternidade, o culto da bondade, da beleza, da saude, na qual deve fazer consistir as suas mais puras alegrias e as suas mais completas felicidades e aspirações.

E como n'esta maternidade precoce não existia a compenetração de tão grave mister, ela consistia apenas n'um exercicio maquinal, moldado na rotina. Não existia uma profunda concepção da vida que dá ao desempenho da nossa acção e da nossa consciencia, a satisfação proveniente do dever educado em nobres principios cultivados, que comportam alegrias supremas. Claro que tiradas as manifestações da vida exterior, ficava afinal um vacuo na alma da jovem mãe. Permanecia aquele desconsolo que provém do desconhecimento total da vida profunda, da superior educação moral dos senti-

mentos e das ideias que tendem a generalizar a felicidade e o aperfeiçoamento.

Em tais casos a alegria da sua maternidade reduzia-se a possuir um gracioso bloco de carne, rosada e fresca, que se veste e enfeita, que se alimenta irregularmente, que a vontade do pae entregára á amamentação de uma ama grosseira, e aos seus mercenarios cuidados condutores de maus agentes que recáem no caracter da criança e no seu organismo fisico.

¿De que servia que a mãe inexperiente sentisse, por instinto, o erro em todo aquele sistema, e chorasse rios de lagrimas quando o pequenino foi arrancado ao seu peito tumido de leite maternal indicado para alimento do filhinho? Acima de toda a verdade e de todo o direito, existia um dominio petrificado na rigida vontade do *soberano* conjugal que por excessos de intransigencia vê acima de tudo os seus interesses materiais, a sua obstinada vontade. Desabrochando n'uma atmosfera de higiene impropria, de irascibilidade e perturbação, a criança saturou-se a seu turno de azedume e nervosidade. Em vez de robustecer-se, definhou.

Era uma haste fragil, um caracter ca-

prichoso. ¡E' tão grave educar uma criança! Aos sete anos, ainda a vontade independente do Pae a internou num colegio. A missão da mãe foi na vida d'esta criança uma influencia negativa. O preconceito desligára aquelas duas vidas que deviam realizar uma fusão de amor. Claro que o filho crescido em meio de tal influencia, sente-se desunido ao sêr que lhe deu o ser. A mãe aparece-lhe como uma criatura inferiorizada, uma força debil e apagada. Não vê n'ela a previdencia, o amor que lhe devia dar o seu sangue destinado para alimenta-lo na taça de seu seio amoravel. Não vê n'ela a vigia solicita dos seus passos, a simbolica protecção da sua vida. Vê n'ela um instrumento de procriação, um objecto de que o homem dispõe, que desdenha, humilha, condena e desrespeita de continuo na mais inconsciente e depressiva irreflexão.

Foi n'estas condições que as alegrias inerentes á maternidade, foram substituidas para a pobre e desolada mãe, em motivo de desconsolo e descontentamento. A lamina cortante da inconsciencia decepára os rebentos de uma futura compensação, que veio a diluir-se em penas

fatais e em lagrimas de funda amargura. Estava destinado que na vida d'esta mulher se concentrassem todas as contingencias da falsa moral e da ignorancia que estabelece, n'um cruzamento apavorante, uma barreira de desequilibrios morbidos e ingratos, na floresta inculta dos costumes convencionais.

¡E apregoa-se em irreflectidas opiniões que aspiram retroceder á remota e *irresuscitavel* preponderancia do Patriarcado «A mulher é para o lar, e para os filhos»! ¿Onde está a força que se lhe dá para exercer condignamente essa missão? E' da mais flagrante evidencia que ela não existe. E que apenas serve de pretexto para sustentar um meio de humilhação para a mulher e uma fonte de tormentos e inutilidade.

Imparcialidade

No julgamento dos factos a justiça imparcializada e recta deve ser o fiel de uma balança de perfeita equidade. O homem que, protegido da força conferida pelos preceitos sociais, aparece n'este caso predispondo um encadeamento de adver-

sidades, não era a seu turno mais que uma vitima d'esses graves defeitos de inconsciencia ancestral.

Crescêra n'um meio estreito.

O destino, a hostilidade de um lar sem mãe e o atavismo de temperamentos colericos, arremessára-o em tenra idade para a vida comercial. Aí vivêra em contactos brutais sujeito aos rigores de tracto que satura de revolta e azedume os caracteres. Aí onde prevalece a feição barbara do regulo dominando escravos, embotára-se a sua sensibilidade, amarfanhada no predominio da arrogancia brutal, que esmaga, que oprime aqueles que, eivados de tais sugestões, mais tarde oprimirão e esmagarão.

O homem criado entre estes contagios não conhece as vantagens da brandura de maneiras, da delicadeza de convivios superiores. Nas escolas, nas oficinas, no comercio, em todos os centros de trabalho ou instrução, não entra o programa da educação moral, que subtiliza o caracter, os costumes, as inclinações.

Em tais casos entra na vida familiar movido pela mais inferior das influencias, o materialismo. Esse materialismo é licenciado pelas concessões, integrado

pela irreverencia de habitos. E' agravado pela corrente de maus exemplos que estabelecem uma anarquia em cada lar e uma parcela de exaltação social em cada individuo.

Vinculados de geração em geração, estes microbios de desordem, perpetuam a desarmonia na familia, o mau exemplo para os filhos, o definhamento da mulher resultante do descontentamento em que vive, somando um coeficiente de prejuizos de ordem publica e particular, uma inquisição que calcina tantos contingentes de bem estar na vida.

O casamento

Porque, afinal ¿o que deve ser o casamento? ¿Não é uma aliança de destinos que tem por mobil creador e belo adquirir a felicidade no exercicio do amor?

Traduzindo n'esse amor a expressão mais bela da vida ¿não deve representar a união harmoniosa de dois sêres partilhando igualmente todas as alegrias e todas as adversidades, fundidas no mesmo anhelo de reciproca felicidade sustentada

n'um alicerce de ternura, de respeito, de delicadeza e abnegação mutua?

Essa união deve predispôr uma fórma de aperfeiçoamento e não uma fonte de martirio.

Deveria significar um tabernaculo de cristal jámais embaciado pela grosseria de expressões e pelo rigor de maneiras que ferem como espinhos bravos as naturezas sensiveis.

A's vezes uma palavra rude e injusta, causa mais mal que uma flecha envenenada atirada ao coração. Emquanto que a exortação carinhosa e branda estimula o desejo de aperfeiçoamento e a aspiração de agradar ao nosso companheiro.

A brandura e o carinho são raios de infinita doçura que vaporizam e adoçam a vida e consolam as naturezas mimosas. Dizia George Herber—«As boas palavras não custam nada, entretanto são bem precisas e raras.»

¿Que expressões poderão traduzir as agonias de alma, os intimos desconsolos que desfibram o animo da mulher sujeita á humilhação continua e perturbante que lhe repudia sistematicamente as ideias,

os actos, e as opiniões?! ¡Que desgosto intimo, ser retribuida no seu esforço de conforto e emoções gratas, com um desdem ou hostilidade contraditoria! Esmera-se em embelezar a vida interna com a subtileza do adorno, o feixe de flores que resplandece na meza, o acepipe que deleita o paladar, o *cachet* estetico que sobresai na disposição dos moveis. E em todos os seus movimentos o despotismo de uma contradição caustica, põe o selo do seu imperio dissolvente, do seu soberano desdem que afronta e magoa, que adoece e revolta.

E ás vezes, um gesto de graça e louvor, um sorriso de amoravel ternura, um estimulo que elogia, que anima e contenta, junto a um vislumbre de razão relativa aos direitos individuais, bastaria para manter n'um *ménage* civilizado a atmosfera luminosa e vivificante das fecundas e tranquilas felicidades.

A causa vem de longe. E' um eco de repetição da obscuridade barbara repercutida através de seculos gemendo em ondas de tortura que diz «esmaga a mulher, oprime-a porque ela é a presa do nosso dominio acorrentada ao nosso amor proprio materialista e absoluto».

Desarmonia e ruina

A discordia é um elemento de desmoralização. Desvanecida a paz no lar, enegrece o ambiente. Pesa sobre o espirito uma depressão confrangedora.

Um ar de penitenciaria perpassa no recinto que devia ser o ameno e grato refugio da vida.

A alegria fenece. Deteriora-se a saude. Sobrevem o desalento, a nostalgia, a nevrose. O espectro da doença instala-se com o seu cortejo fatal que arraza bens morais e materiais. E n'um latejar opressivo de inquietações, precipitam-se as doenças da vontade. O caracter perde a frescura e a resistencia.

E' uma nuvem de presagios mortais a obscurecer a vida.

Tudo se recente d'esse tempestuoso desencadear de mistificações.

Nascem filhitos fraquinhos, naturezas de vibração. São o que os fizeram ser, os pobresitos.

E agravando um mal com outro mal educam-se castigando-as, n'uma criminosa inconsciencia duplamente culpada

porque irrita a sensibilidade de naturezas doentes, deteriorando vidas a que se deu tão imperfeita vida. ¡Que tragedias de desgraça, de debilidade física e moral preparam os pais que se mostram ignorantes do encargo que pesa sobre a sua consciencia prejudicando o futuro dos filhos por uma educação impropria, e por um exemplo de discordia, de coleras, de injustiça, de rigor e indelicadeza, que mais tarde eles aplicarão á vida familiar!...

¿De que serve dar ilustração scientifica que habilite a exercer cargos publicos, se é da organização regular da familia, dos exemplos de cordura, de rectidão e delicadeza, que tem de partir o fio da harmonia, da serenidade e do equilibrio de caracter e de ideias, que contribuirão para o conjunto social? A desarmonia do lar provocada por um irritante erotismo de amor proprio caustico e desmoralizante, é um veneno mortal que degenera em ruina e desgraça.

Foi o que sucedeu no caso que venho descrevendo e que se repete quasi geralmente na organização da familia. Transformou-se n'um pesadelo de tortura, a vida da mulher que encontrára no casamento todos os motivos de aniquilamento

fisico e moral. A sua vida era um exilio de desconforto. Tentára refazer-se d'esse desconforto fazendo do lar a sua religião.

Mas todas as portas da vida lhe estavam vedadas pelo empecilho de uma obstinada contradição, que ia de encontro a todas as sensatas e graciosas inovações de ordem e primor domestico.

Tornára-se irrespiravel o ambiente domestico. E n'uma necessidade irreprimivel de desafogo, a vitima começou de explorar fóra de casa impressões que lhe retemperassem o organismo abalado, e abstraissem de uma realidade sufocante. Procurava debalde distracções que n'um meio acanhado não podiam ser senão pueris, banais. Modas, passeios, ou passatempos vulgares. ¿Sentia-se bem n'essa vida? Não, por certo. Estava fóra da sua atmosfera, do seu ideal, das suas inclinações. Aturdia-se, nada mais. Sentia latejar dentro do espirito um fluxo impetuoso de ideias largas, de aspirações imensas e belas que asfixiavam enclausuradas no presidio de uma atmosfera hostil. Fóra dos elementos que competem a cada natureza, não é possivel encontrar-se a satisfação da vida.

Todo o sêr tem direito á felicidade

que lhe pertence dentro da sua vocação. Do contrario a existencia perde todo o seu encanto e significação. Na mesma ordem de coisas temos o direito ás condições relativas á felicidade e incluidas todas as que concorrem para o seu harmonioso desenvolvimento e sem as quais a vida é uma penalidade de forçado esgotando-se em morbidas e dolorosas nostalgias. E desde que essas condições estão ligadas ás leis naturais, são inviolaveis, intangiveis.

Quando a natureza distingue com dons criadores organismos excepcionais, é para que esses dons se desenvolvam nobremente, utilmente, aumentando e enriquecendo o patrimonio da civilização no culto do Belo e do Bem.

Além do direito pessoal, acresce ainda um dever de humanidade que nos impõe aperfeiçoarmos a nossa vida, as nossas faculdades, em favor da humanidade. A ideia d'essa obrigação deve permanecer anexa á nossa consciencia e portanto á nossa vida. Porque a verdadeira interpretação d'essa vida e do seu fim superior, nos revela que ela deve ser um valor cultivado e aperfeiçoado, uma contribuição de prosperidade social.

Compete-nos portanto exercer sobre nós a sugestão d'esse aperfeiçoamento que nos eleve gradualmente a um quilate de superioridade moral. Porque viver é mais alguma coisa do que movermo-nos como um bloco de materia egoista, retraída no exclusivismo do nosso *eu*, alheia a toda a realização da felicidade comum. A vida recai em missão inferior exercida em sentido vago, abstracto. Na obscuridade em que permanecem os entendimentos, ela faz das criaturas manequins que se movem em direcções confusas, n'um maquinal sonambolismo que lhes põe nas mãos as armas da infelicidade que ha-de um dia feri-las.

Tudo pois o que corre editos fóra das leis que constituem felicidade, relativa ás inclinações, coloca as criaturas em condição de sofrimento e humilhação. Rebaixa-as á condição de escravas, sem a dignidade pessoal, que é uma contingencia de firmeza e de confiança em nós proprios, e uma rehabilitação do nosso sêr moral.

D'aqui se conclue a urgencia de equilibrar os direitos dos dois sexos para encaminhar a libertação e a educação de ambos, sem a qual não é possivel existir felicidade pessoal ou geral.

Consequencias

Como todas estas causas mantinham uma barreira de incompatibilidade entre dous sêres opostos, sucederam anos de inconcebivel tormenta para a mulher que entrára na vida conjugal na idade em que a educação feminina carece de maiores cuidados. Porque é na adolescencia que se acentua o caracter.

Está hoje provado que existem em nós psiques diferentes. Se a vida serena, risonha e bem conduzida, aperfeiçoa e conserva viçosas as inclinações da psique superior, a criatura desenvolve em si os dons da beleza moral. Se ao contrario vive oprimida, descontente, agitada, podem estacionar os embriões da perfeição e revelar-se a irascibilidade, a colera, a revolta, emfim, os defeitos.

E como a feição dominante do caracter d'esta criança era a bondade, reproduzindo manifestações de uma sensibilidade mimosa, carecia de uma atmosfera delicada para florescer em ternura, em generosas actividades de espirito e de coração. Mas o destino deparou-lhe elementos contrarios.

Rudezas, irascibilidades, grosserias, ferindo-lhe de contínuo as susceptibilidades de alma. A dignidade rebaixada por humilhações e censuras desumanas e asperas dirigidas á sua inculpada inexperiencia. Ridicularizadas as suas tendencias artisticas e literarias com a habitual incuria que considera a mulher destinada a toda a escravatura de pensamentos e obras creadoras, e a toda a acção social. Nem ao menos era licenciada no manejo trivial do serviço domestico.

Emfim, os elementos que deviam predispôr a felicidade d'aquele lar, dissolveram-se na onda revôlta de uma hostilidade caustica que não era maldade nem tirania propria. Significava a influencia inconsciente dos habitos transmitidos por um erro de falsas noções que faz vêr na mulher o objecto de deleite material. O homem, representava n'este lar de expiação, a injustiça dos preconceitos que na familia e na sociedade tolhem a vida da mulher. E a mulher em todos os seus aspectos de tormento e prejuizo, incarnava a escravidão ilegal do seu sexo, revertendo em prejuizo moral e economico do individuo e da comunidade.

*

* *

A revelação de todos os acidentados revezes que marcaram a fogo de suplicio a vida domestica d'esta mulher, que é a de tantas, encheria paginas e volumes de emocionante descrição.

Apesar da sua inexperiencia da vida, o instinto, a pratica gradual e a inteligencia, davam-lhe recursos valiosos para um desempenho superior das suas funções. Tinha a consciencia plena de que cultivava a harmonia, a ordem, o encanto, que embelezariam a sua vida e a do Esposo. Mas levantava-se entre esse facto uma muralha de egoismo, de amor proprio, de intransigencia, de obstinação desespetante que vedava todos os esforços, que contrariava todas as ideias, que destruia a alegria de viver e provocava o desespero, a agonia do coração. Foi o que sucedeu. Veio a doença. Surgia a pavorosa neurastenia que conduz á cegueira da razão.

Surgiram as complicações.

Ausencias longas para cura e tratamento. O desequilibrio economico motivado pela doença. A inquietação, o mal-estar,

O aniquilamento da vontade. O horror á solidão. Emfim o triplice efeito do prejuizo fisico, moral e material, destruindo, devastando, ennervando.

Um dia, depois de tantas maguas sobrepostas, sucumbiu. Assaltou-a a resolução de emigrar. ¿Que era ela n'aquela casa? Um automato. Uma força convertida em fraqueza. Um sêr apagado, sem prestigio, desrespeitada perante os serviçais, e por eles desrespeitada pela mesma razão; sem nenhum poder moral ou material dentro de casa. Requeimada de penas, ulcerada de injustiças, sucumbida de tristeza, agitada de revoltas consumidoras, e asfixiada n'um desconforto de isolamento atróz, sem carinho, sem ternura sem distracções, concentrada horrivelmente no efeito das suas tormentas, a sua vida atingiu o quilate de um desespero indescritivel.

Entrou no periodo das crises nervosas. Invadia-a uma horrivel hiperestesia. E tudo em volta d'ela era negativo. Ninguem que compreendesse aquele estiolar de vida nascida para vibrar, para criar, para se expandir em luz, em calor, em harmonia.

Uma rajada agreste desfibrára a haste

do amor e da harmonia onde desabrocharia aquela alma sensitiva. As flechas da rudeza mutilaram as azas palpitantes de uma imaginação sequiosa de ascender esferas de beleza e de bondade. Sonhára uma existencia de aconchego, de trabalho sereno, de espiritualidade.

A sociabilização era uma necessidade do seu temperamente expansivo. E definhava-se na solidão, esterilizava-se na cerração de uma treva sem clareira de horizonte. ¡Que dias de *splen* horrivel! ¡Que longas noutes de solidão e abandono, a alma em vacuo, o espirito em sombras, o cerebro doente em erupção de presagios doentios, em spasmos de terrivel nevrose!

Afinal deram-se scenas de intensidade tragica. Levada pelos seus impulsos generosos, acolhéra sob as azas imensas do seu amor, uma filha bastarda do Esposo. Fóra para ela carinhosa e branda como uma mãe. Vira n'ela a esperança de um delicado afecto para adoçar o exilio em que esmorecia.

Mas a intolerancia até aí levou o seu funesto efeito.

E apoiando e proporcionando desvios de conduta que pouco a pouco provoca-

ram uma discordia insustentavel, conduziu á situação de inferioridade, de desprestigio, de revolta, a vitima de um coração cheio de ternura que quizera abrir-se a todas as dedicações e a todos os afectos tão mal retribuidos e interpretados.

Tecida uma rêde de intrigas que encontravam eco no espirito de hostilidade que saturava aquele ambiente, a situação agravou-se. O mal vencia o bem. Um gesto nobre fôra uma arma a mais que a vitima voltára contra si. E o objecto d'esta discordia adquiríra, por meios ilicitos, um lugar de supremacia que rebaixava n'aquela casa quem lhe dera carinhos. Certo dia afrontou-a uma grave ofensa á sua dignidade. A má fé que germina em espiritos incultos, sofismára e adulterára manifestações afectivas que eram, junto de alguem, um inofensivo lenitivo para aquele martirio.

Foi ofendida. Pediu justiça. Não foi atendida. Estava reduzida, n'aquele ambiente, a um farrapo de dôr e injustiça. Alucinada, fugiu d'essa sepultura da razão. O espectro da loucura erguia-se diante do seu suplicio. Tremeu, espavoriu-se, receando a sua aproximação. E

tomada de um tremendo e ancioso gesto de pavór foi desabafar o seu desespero junto de um medico que dirigia uma casa de saude, um internato patologico.

Sentia lucidas as faculdades da razão. Mas o desespero mantinha-a n'um delirio acidental, um desvairamento febril mixto de angustia e terror produzido pelo receio da loucura. No auge d'esse delirio, anciosa por um repouso, afflita, querendo fugir á tortura do presidio onde já não podia sofrer mais, rojou-se aos pés do medico. Suplicou, implorou n'uma ancia de soluços e de lagrimas, que lhe désse abrigo, refugio, tratamento, n'aquela casa de saude. Imaginára que n'esse lugubre recolhimento da maior desgraça humana existiam pavilhões separados onde se faziam curas de repouso. Na sua suplica confusa, entrecortada de desesperos, de contracções extremas, de intensas agonias de alma e de espirito, nem sabia o que pedia, o que queria. Queria estar junto de um medico que a comprecndesse e atenuasse o seu estado de hiperestesia.

Queria estar longe, bem longe do ambiente do seu imerecido supplicio.

O medico, bom e sensivel, comovido com essa tortura extrema, cedeu aos seus

rogos de naufraga alucinada. Era contra a ordem da casa receber doentes sem os respectivos documentos de entrada. Mas a alma generosa do homem, venceu os deveres do profissional. Foi conduzida a um aposento onde supunha que ficaria isolada dos doentes. Não se atrevia a interrogar o medico, ao transpôr aquelas infernais galerias onde se desenrolava a afirmação atróz da inconsciencia, da injustiça e da crueldade humana. Ia quasi sonambula. Deixava-se arrastar. O seu braço tremia convulsamente enclavinhado ao braço do medico. Tomára-a um pavôr indescritivel. Ao atravessar aquela horrorosa multidão de loucos que gritavam, que dansavam, que blasfemavam, riam, choravam, escarneciam, ameaçavam em impetos de colera, em imprecações obscenas, em gargalhadas estridulas e arripiantes, em uivos de fera, em gritos dilacerantes, teve a pavorosa impressão de que tambem ela ia enlouquecer.

Queria recuar. Mas não tinha coragem. Um conflito de impressões retinha-lhe o gesto. A vontade doente, não tinha força para resistir, deliberar. Receava desgostar o medico que enternecedoramente cedêra aos seus rogos em tão

anormais condições. E deixou-se ir, e deixou-se arrastar, mais morta que viva, n'um mergulhar de angustia, n'uma bruma de entendimento, n'uma vaga confusão de raciocinio, n'uma agonia de condenada caminhando para a guilhotina. Depois tinha esperança de que ao fim d'aquele inferno do Dante, se lhe depararia um recanto isolado, áparte d'aquela multidão confrangedora. Por fim, ao fundo de um corredor isolado, introduziram-na n'um aposento espaçoso, confortavel, higienico. Respirou.

O medico entregou-a a uma enfermeira. E no seu entorpecimento de animo, imaginou que ficava ao abrigo da invasão de doentes. Nada indagou. Mais uma vez a receosa susceptibilidade retraíu a pergunta que se não atreveu a formular perante o medico a quem forçára a transpôr o limiar do regulamento, em condições excepcionais, aliás glorificadoras dos seus nobres sentimentos.

Atirou-se sobre o leito, exausta, fatigada. Tentou entorpecer pelo sono o estado de alma que lhe devorava as energias fisicas e morais. Mas dentro em breve o aposento era invadido pelas loucas que se escapavam á vigilancia das enfermei-

ras. ¡Oh que pavôr lhe congelou o sangue! A loucura, que tanto dó lhe inspirava, fôra toda a vida o seu terror. Em frente de um louco paralizava-se-lhe o corpo e a alma. Permanecia petreficada por uma horrivel impressão.

¡E viu-se em meio de um grupo de loucas!

Uma tinha um olhar metalico, feroz, fixo como que n'um gesto de vingança. Rugia imprecações furiosas contra o marido que a abandonára e enlouquecêra.

Outra tinha uns olhos negros, curuscantes, incendiados de genio, que, ainda mesmo através da loucura, faiscava em lampejos de argumentação lucida, a par de desconchavos grotescos. Essa era uma amante abandonada por um aventureiro de amor que lhe explorára o sentimento e a fortuna.

A terceira era uma doente de hipocondria. O seu olhar amortecido e baço fixava-se com uma expressão de melancolia, de imbecilidade spasmodica, nos objectos e nas pessoas. Era uma outra vitima da tirania conjugal. Sempre os dramas do lar, do preconceito, da miseravel condição da mulher, do predominio de costumes que fazem de homens bons

carrascos de tortura, podendo ser companheiros justos, humanos, aperfeiçoadores.

E hão-de sê-lo. Bastará que a razão lhes aponte o erro que manteem enclausurado entre a cegueira das tradições. Então a felicidade ha-de sorrir-lhes em aliança com a mulher; reconhecerão n'ela uma força indispensavel ao aperfeiçoamento libertador de ambos e de todos.

Tambem este episodio não fôra, como nada é, simples obra do acaso. Era preciso que aquela alma de mulher, arrastada pela força que tudo move, fosse ali conhecer aquela multidão de mulheres expiando os crimes da devassidão e do vicio que são permitidos ao progenitor em prejuizo geral, através dos preconceitos e da ilegalidade dos direitos sexuais, morais, e conjugais. Era preciso que experimentasse aquela tortura de inquisição, obrigada a permanecer ali, segundo o regulamento que já não podia ser violado mais uma vez. E foi considerada louca. Pediu ás enfermeiras que a julgassem uma torturada e não uma demente.

Elas sorriam, trocavam olhares de zombaria, respondiam-lhe com evasivas

quando ela reclamava uma entrevista com o medico a quem de novo imploraria piedade. Mas não a atendiam.

Era da ordem nada atender fóra do programa. Permaneceu ali tres dias apenas, que foram tres seculos de luta e dilacerante agonia. Era tal o seu estado de hiperestesia, que as faculdades auditivas pressentiam a grande distancia a bulha infernal, que no silencio lugubre da noute vinha do pavilhão de loucos furiosos, como um bramir ululante e sinistro de feras arremetendo contra as grades ferreas da jaula. Nem um só momento o sono veio adormecer o seu suplicio.

Atingia um grau insofrido de desespero. Pensava no suicido, mas nada tinha com que pudesse consumar esse desfecho. E a vigilancia da enfermeira não o permitiria. ¡Que ironia suprema! Fôra em busca de repouso e redobrára de anciedades.

Quando emfim saíu, durante meses, todos os ruidos a sobressaltavam parecendo gritos de loucas. Só muito tarde se dissipou essa visão de horror.

Foi então que os medicos lhe impuzeram a retirada do meio familiar como unico recurso de salvamento. Escolheu

para permanencia, um centro de mais larga vida intelectual.

O instinto impelia-a a aproximar-se de elementos superiores.

Principiou de sentir um reflorir de esperanças. Começou a viver no interesse da grande causa humana. Mediu as suas forças. Eram escassas. Mas avançou audaz e resoluta. Falhava-lhe a cultura. Tinha lido pouco. Faltavam-lhe recursos de tecnica literaria. Sentia-se debilitada. Os medicos proíbiam-lhe o esforço mental. Desobedeceu-lhes. Foi reagindo, foi trabalhando, foi produzindo. Era quasi um milagre de ressurreição, um fenomeno psiquico, aquela resistencia. E' que estava no seu elemento. O desalento cedeu o lugar a um interesse pela vida da humanidade.

Embelezou o seu exilio por um ideal de perfectibilidade. A fé ungiu de perfume aquela dôr que até ali a martirizára esterilmente.

Começou a achá-la doce, porque distinguiu n'ela raios bemditos de verdade e de redenção. Animou-se de puros ardores que aqueceram o gelo da sua existencia. Emfim, após a dôr veio o amor que abraça todas as dôres, a luz que brilha

dentro de todas as trevas. Sofreu muito para amar muito.

Luz de expiação, ¡como ela resplandece e cria quando a consciencia a distingue, a abençôa no seu infinito poder de verdade! Luz de expiação, ¡eu te bemdigo porque és a fé, a vida, o amor dentro da dôr!

¿Mas que novas decepções lhe consumiriam a vida? ¿Que punhaladas de injustiça, de perseguições, de intransigencia lhe reservava uma sociedade madrasta a quem ia oferecer as forças do cerebro e do coração para auxiliar a cura das suas chagas?

¿Como se interpreta a dôr d'uma vitima de revoltantes preconceitos, negando-lhe o direito de atordoar o espirito abalado, creando um nobre interesse pela vida no culto maximo e fervoroso de um cristalino e humano ideal?

Tudo é contra a escravizada. As convenções, as leis, os codigos, a hipocrisia, a mentira, a inveja, a calunia, o egoismo, a ignorancia, o materialismo, emfim, todo o lôdo das paixões mesquinhas, todo o atrazo de costumes que só encara as coisas pela rude bitola do seu criterio inferior atacando a vitima indefeza que come-

teu o delito de se refugiar no culto do Bem.

Transforma-se a vitima em culpado e o culpado em vitima. ¿O homem tiranizou? ¿A mulher tentou libertar-se? Pois bem, é ele o vencedor, e ela a vencida. O divorcio, é um delicto n'essa sociedade estreita. O direito de amar, reclamado pelas naturezas afectivas, um crime. A honestidade uma duvida, ou a hipotese de uma aberração.

Eis um calvario de mulher, e de muitas mulheres que succumbem, que morrem e enlouquecem por não saberem salvar-se. E é sempre o homem que tem razão. Os costumes, n'uma afirmação do mais inconsciente egoismo, concedem sempre o beneplacito á causa do homem. Pela sua boca a sociedade fica considerando a revoltada uma louca, uma hysterica, uma desequilibrada.

E acredita-se, e repete-se o argumento, e serve para desacreditar, embaraçar, repudiar um esforço nobre, tolhendo um efeito de redenção.

Ninguem vê n'esse facto um crime social. Porque já não é só o interesse individual em jogo. E' a causa commum, é a causa da humanidade.

Essa mulher que, desprestigiada, expatriada do lar, procura converter-se em inergia social, é um valor que pertence á humanidade. A sua acção carece de ser respeitada em nome das miserias humanas que reclamam todas as sinceras e uteis vocações altruistas, evangelizadoras, tão raras como urgentes no movimento da civilização.

*

Não parára aqui esta via sacra da expiação. Os incidentes que a assignalaram entram no triste dominio da tragedia. Serão um dia especializados como documento de psicologia pessoal e social que tem de esclarecer as sombras em que caminha a humanidade. Basta citar ao acaso algum d'esses episodios. Um dia visitou uns parentes para quem fôra um idolo, um exemplo de bondade, emquanto se mantinha na falsa situação em que a julgavam feliz, rica, e a adulavam.

Mas, em contraste com as antigas manifestações, negaram-se a recebê-la. Ouvira de dentro a voz da dona da casa que dava rudemente essa ordem ao creado.

No seu debil estado de saude, esse caso inesperado, golpeante, perturbou-a.

Caíu com uma sincope desamparadamente. Essa *boa* parenta, deixou-a prostrada no limiar da porta emquanto um creado, por sua ordem, ¡dizia á cosinheira que ia chamar um policia para a levar á esquadra! ?Que razões se invocavam para justificar tão cruel desumanidade? O abandono de um lar de martirio, o acto *criminoso* de se lançar na luta de um largo ideal de verdade, ligada ao seu tormento, uma mulher honesta.

¡Como a submissão aos preconceitos converteu em symbolo de crueldade e injustiça um coração de mulher, que era extremamente devota, que professava uma religião de Cristo toda de doutrinas piedosas, ensinando a amar, a perdoar! E no entanto a mulher ofendida não tinha pecado á face da verdade e do direito. A sua vida continha mais abnegação anonima, mais humana utilidade, do que a de todos esses que a condenavam e repudiavam injustissimamente.

De outra vez permanecia temporariamente em casa de uns amigos. O dono da casa atacava-a rudemente na sua deliberação de revoltada. Mas a certa altura por diante, começou de requestá-la sem que da parte d'ela nenhuma provocação

justificasse esse facto além de um natural dom de atracção inerente ás naturezas vivas e afectuosas. Como não cedeu á insistencia do requerente, foi perseguida, maltratada, quasi expulsa da casa sob os mais crueis e desumanos protestos.

¡Quanta incoerencia de moral! Primeiro, a mulher condenada por se libertar de uma cruz. Depois louvada e virtuosa, cedendo ao delito. Afinal exercendo a moral que oferece uma prova flagrante de honestidade dentro da conduta que resiste ao galanteio, volta a ser culpada, *detraquée,* inutiliza-se, desacredita-se.

E' n'estes curiosos e comicos estatutos, que o homem conservador, o detractor da mulher e da sua reabilitação, assenta o seu criterio e as normas falsas de seu falso senso ético. Eis a moral de comodismo material, o codigo de servidão ao serviço da luxuria tiranica, do ilogismo de direitos de fórma a manter sempre em pé os interesses masculinos na ordem de um exclusivo e feudal absolutismo plantado sobre a escravidão da mulher.

A imoralidade do forte, um triunfo. A moralidade do fraco, uma culpa. Eis o dogma da falsa moral que se levanta como simbolo de inconsciencia e tortura sob

a inferior organização das sociedades adversarias do progresso em relação á libertação da mulher.

Se as mulheres compreendessem este erro, todas apoiariam aquelas que defendem a sua causa. Mas regularmente, tambem o sexo feminino é refractario, por ignorancia, aos seus proprios interesses.

Dependente de tantos precalços, manifestou-se em todos os seus aspectos o efeito d'essa anomalia de convenções que eclipsára na vida de uma mulher os elementos da felicidade. Recrudescia cada vez mais o seu martirio.

E por fim encontrou-se isolada, perdida no labirinto escabroso da vida, sem outro recurso mais que o cerebro, o coração, o desejo de trabalhar e os tesouros da sua fé. Esposa infeliz, mãe amargurada, desgostosa pelas condições que a separavam do filho querido do seu martirio.

Avó precoce, nostalgica da graça e do carinho das encantadoras netinhas, roubadas pelo marco da separação ao desconforto do seu exilio. Deportada sem crimes, embora não isenta de defeitos que a infelicidade origina. Peregrina

errante de alma esgarçada entre as urzes do calvario, destinára-a a persistencia da fatalidade a constituir uma prova dolorosa da opressão feminina. Vivêra dentro da familia e da sociedade anonima, desconhecida, ignorada. Uma estranha, uma duvida; um misterio, um sofisma; um simbolo, um calvario; um farrapo de angustia condensado em fé; um anceio de amor cristalizado n'um grande ideal. A mentira roubára-lhe toda a felicidade. Convertêra-lhe em amargura a alegria, a saude, o amor, a independencia, a vida, emfim, a expansão livre de faculdades que deveriam ser gloria e proveito proprio e comum.

De toda essa derrota ficou-lhe apenas uma riqueza. A fé, a radiante e poderosa fé que na sua origem de dôr experiente, tem mais verdade que todas as teorias scientificas.

Ficou-lhe a potencia de alma que tem mais força que todas as que partem da alta escola da arte ou da filosofia. Essas duas forças em acção lhe abriram um mundo novo de concepções, impregnando-lhe o espirito de aspirações consoladoras. Purificou-se no culto d'essas aspirações. Tornou-se refractaria ás peque-

nas ninharias de uma vida mesquinha. Conquistou-se, venceu-se, e salvou-se.

Foi em tais circumstancias que esta mulher combateu pela Justiça, pelo Bem, pela Verdade. A sua tenacidade, a sua fé, vencendo desfalecimentos, humilhações, embaraços economicos, prejuizos e afrontas, insucessos e desenganos, comprovava a existencia do heroismo feminino aparecendo em fulgurações sublimes de resignação, de resistencia, de audacia, na historia de todos os tempos. O heroismo do homem é feito de impulsos de virilidade, de rasgos intrepidos que necessitam de estimulo, de gloria, de popularidade, de aplauso e de imortalidade. Emquanto que na mulher, é mais uma intima inclinação para o sacrificio, uma exigencia afectiva, uma subtil compreensão dos deveres de humanidade. Poucos homens aguentariam os embates de dôr e desconforto que sacudiam a vida d'esta mulher consumida no sacrificio ignorado da sua devoção, sem recompensas de gloria ou de proveito. ¡Quantas vezes, chegada a noite, no exilio de um quarto de hotel ou de pensão, reconstituia os episodios de seu calvario quotidiano em que realçava sempre uma injustiça, um

desengano, um tormento e um sacrificio! Destilava em lagrimas a sua amargura. Mas no dia seguinte recomeçava cheia de obstinação e confiança em si, reanimada pelos clarões de uma fé inabalavel.

Quasi sempre os motivos ingratos que lhe creavam mortificações, embaraços, complicações e revoltas, partiam de causas que deviam ser de consolação e alegria, e afinal degeneravam em tormento. Era infeliz, perseguida, especialmente por ser boa, sensivel, e por seguir uma religião de progresso. A bondade que a fazia tolerante e afavel para com todos, ou era causa de abusos entre gente que só está habituada a ser dominada pelo rigor e zomba da brandura, ou era mal interpretada na sua disposição que busca dispensar agrados a todos pela inclinação de semear o bem no conforto, na palavra, no sorriso e no carinho.

¡Quantas malevolas significações, quantos insultos á sua dignidade provocou este facto assinalando a grosseria de costumes no estreito circulo social em que girava a sua trajectoria de martir!

O dom natural de semear e inspirar simpatias, proporcionára-lhe penas e cuidados infinitos. Não era formosa, mas

havia na expressão de seu semblante uma força de vivacidade interior que reunia um conjunto de agrado.

Uma modalidade singular acentuava-lhe nas feições irregulares aspectos diversos. Fóra das impressões da sua inclinação estetica, humanitaria e intensa, era uma deprimida. Envelhecia, fanava-se. Mas em plena expansão da sua emotividade, rejuvenescia, rejubilava. E a alegria dava-lhe uma irradiação de mocidade, de luz espiritual. Despertou profundas simpatias entre aqueles a quem apraz esse genero de atractivo, que sem ser formosura ou perfeição plastica, irradia as fulgurações expressivas da neo-energia.

Lá estava a *força* da natureza revelada na *força* do seu intangivel poder.

Ela afirmava, dentro da lei da vocação, que cada sêr tem direito a viver a vida que lhe compete e desenvolver a potencia de energias que recebeu do seu influxo para as transformar em alegria propria e comum que ilumina, que contenta e se exprime no revigoramento fisico transformado em encanto, em sedução, geradores de emoções sadias e creadoras.

Mas a mentira transformára em decepção as primicias da felicidade que deveriam iluminar esta existencia.

¡Quanta perseguição avivada pela ignorancia desconfiada e sceptica incapaz de compreender o fogo latente que lhe devorava a alma de idealista!

Uns combatiam-n'a por inconsciencia, outros por pessimismo, muitos e muitos por despeito, pela circulação de lendas falsas e desconceituosas, expelidas por essa venenosa vibora que tem em si a peçonha da inveja, da maldade e da ignorancia convertidas em calunia destruidora e repelente. A situação desconfortavel da sua vida indefesa, enfraquecida, desvalorizada pela desfavoravel condição economica, converteu-se por vezes em dramas da mais atróz angustia, em complicações que assumiam aspectos deprimentes para o seu caracter. Na ancia de acumular elementos para a luta, ¡quanta vez saíu fóra do seu proprio caracter com risco de descredito, para conglobar por meio da simpatia de ideias, favoraveis de consequencias morais e materiais que lhe permitissem sustentar-se, sem naufragar de vez, no mar encapelado do tormentoso e desigual combate!

Apercebia em si uma acumulação de ideias e inspirações latentes, anonimas, mas que o seu instinto futurista sabia que seriam um dia reveladas, reconhecidas e valorizadas para florescerem em iniciativas praticas e ideologicas de que a causa da humanidade reclama e santifica.

¡E que tortura, que desespero, sentir-se fraca, impotente para vencer tanto desdem, tanta desconfiança, tanta incuria sceptica e pessimista que correspondia aos seus esforços! ¡E compreender que bastaria um pouco de atenção e respeito pelo esforço da mulher, um grau de justiça pelos seus direitos, uma febre ardente, sincera e interessada pela *verdadeira* redenção social, para que as suas ideias fossem apoiadas, o seu esforço acolhido, os seus alvitres de obras sociais aproveitados e concretizados pela força moral e material dos que dirigem a engrenagem social e sem a qual nenhuma ideia poderia frutificar e amadurecer em realidade!

Mas gastou dias e dias de esperas infindaveis em ministerios e repartições publicas para obter audiencias com influentes politicos que pouco lhe faziam, e confundiam o seu empenho de regularizar a situação economica, para trabalhar livre-

mente pela causa humana, com o interesse mesquinho de se emancipar de dificuldades sómente por egoismo pessoal.

Expoz-se a riscos graves de descredito n'essa frequencia de galerias publicas, de redacções, de associações que visitava de dia e de noute, a deshoras, sem atender senão ao seu alvo bemfazejo, sem temer as afrontosas hipoteses de uma multidão sarcastica, inculta, que desconhecendo os grandes ideais desconhece o sacrificio a que se votam os seus martires. Pouco conseguiu. Mas continuou, firme no seu posto, vivendo na requeimante e consumidora anciedade do dia de ámanhã, ralando-se hora a hora na tortura de compromissos morais e materiais contraídos sempre com o fim de proseguir em condições de certas aparencias que requer uma sociedade onde o habito faz o monge e onde só o prestigio pessoal dá prestigio ás ideias.

E dava-se este facto em plena democracia, que nunca póde ser realidade justamente porque as faculdades femininas são objecto secundario e a sua intervenção é repelida, é desconceituada, em vez de preencher a lacuna de potencias de

emoção e argucia que devem completar os impulsos da evolução.

Descrevendo minuciosamente todos os detalhes d'esta odisseia feminina, eu tenho em vista salientar o estado atrasador da consciencia social que por incuria de reflexão, preguiça de entendimento e injusteza de raciocinio, deixa perder no abismo da inutilidade valores femininos que se exgotam na luta economica, predispondo acidentes desmoralizadores. Na luta moral e material, desamparada do apoio, do prestigio que deviam dar á sua causa aqueles que apregoam, em programas politicos de policromia sedutora, o levantamento moral e economico da mulher e da sua função social, esta só teve desenganos. ¿Quantas vezes ainda o seu esforço de lutadora era sobrecarregado com a menção de culpas e defeitos que são facilmente atribuidos á mulher e que o homem não vê em si para justificar o desleixo e a indiferença votada ás suas reclamações e generosos intuitos?

A revolução de instituições é nula sem a revolução de costumes que emancipem os direitos da mulher.

A força do instinto que primeiro inconscientemente e depois conscientemen-

te guiou a vida da vitima d'este horrivel mal de confusão e ignorancia, conduziu-a a um mundo inteiramente novo de compreensões. Dentro d'elas viu-se cercada de claridades desconhecidas, aperfeiçoadoras, vivificantes.

Ainda aí uma visão pratica justificava as teorias novas que preparam o advento de uma aurora de altruista beleza, em que a humanidade futura condensará a sua felicidade.

Assim ela aprendeu a ver mais os outros do que a si propria. E em vez de se concentrar no limite estreito do seu martirio pessoal, reagira milagrosamente contra todas as fraquezas da vontade mortalmente enfraquecida. Ressuscitou. Via no seu martirio o martirio da humanidade. Sentiu-se destinada a uma missão de resgate. Fez da sua alma a interprete dos atributos de abnegação, de sentimento e generosidade que hão-de ir revelando a mulher para consagrar a sua verdadeira natureza e engrandecê-la humanamente.

E n'uma compreensão superior das origens e dos fins, dirigidos pelas forças onipotentes do intangivel, ela não condena, não odeia, não ofende. Bemdiz até

o causador indirecto da sua desdita. E compreende, lamenta, perdoa.

Desejára mesmo, se pudesse, reabilitá-lo, arrancar da sua alma, do seu esforço, do seu trabalho uma parcela de felicidade para reconstruir aquela vida derrubada por suas proprias mãos.

Poderia ter sido a providencia d'essa vida pelo conjunto de intuição com que lhe profetizou a derrocada, pelo conselho que indicava na visão rapida das coisas, onde estava o prejuizo e o lucro, o mal ou o remedio.

Tudo foi repudiado. Instinto de ordem, de metodo, de conforto, de arte, de harmonia, de brandura, nada foi aproveitado. Tudo se perdeu, perdendo a felicidade de ambos. E emquanto o mesmo amor proprio que deu causa a esse desmoronamento persistia ainda em perseguições, em descredito que pretende desqualificar a mulher e a obra social, a perseguida retribue-lhe em interesse e magua pela sua vida. Agradece-lhe até a trituração de alma que se converteu em luz. E prova a todo o homem, que o não saiba vêr, que cava a sepultura da sua propria felicidade provocando a anarquia do lar.

Porque ele não é menor vitima, como

n'este caso. A mulher, inspirada em ideias que a transformaram em obreira da redenção, tem a sua fé, alimenta-se d'ela, é feliz, d'aquela doce felicidade que sabe encontrar conforto na dôr e no sacrificio, que desabrocha em luz e amor. Emquanto que ele viverá n'um isolamento interior e exterior que mina as seivas da vida, que irascibiliza cada vez mais as criaturas, que é esterilidade, que semeia o mal-estar entre aqueles que estão em contacto com esses doentes da nevrose social.

Ela sentia esse exilio. Mas não podia dominar a impressão que lhe adoecia o corpo e a alma no convivio directo com uma natureza oposta. Invadia-a uma depressão moral e fisica que a estremecia mortalmente como se estivesse em frente de um instrumento de tortura.

N'esse ponto não lhe pertencia a si constranger a vontade, embora se empenhasse em esforços para o conseguir. Era decerto dos dominios das leis fisicas esse choque doloroso que produzia reacções negativas para proclamar os direitos da verdade. Mas á distancia, ¡que infinita piedade sem remorsos lhe estremecia o coração!

Não se pertencia porém a si, pertencia á causa humana. O sacrificio por um só, embora nobre, seria uma gota de agua perdida no oceano. Essa gota de agua debil que representava a sua obra, e que ámanhã seria regato, e depois corrente, tinha de deslizar serenamente, fecundamente, sem as irritantes impressões que revoltam e adoecem. Por isso caminhou intrepidamente, livre de uma algema, partida á custa de sacrificios pungentes, para pugnar pelos direitos do seu sexo, que são os da humanidade. E assimilando em si o destino de milhares de vitimas semelhantes e anonimas; sentindo gemer dentro da propria alma os gritos abafados de tantos corações em chaga; concebendo o martirio de seios macerados de injustiça onde só germinam raças definhadas e frageis; n'um clamor vibrante de equidade e justiça repetia a redentora frase de Jean Finot rubricada pela desdita palpitante da sua vida: «No gesto do homem que se lamenta, ha tantas lagrimas de mulher como reacções da sua propria dôr».

Conclusões

Dentro d'este Calvario de Mulher está bem demonstrado o prejuizo que, quer na familia, quer na sociedade, afecta os interesses gerais imobilizando atributos de actividade, gasta em consumições e dificuldades. A aspiração de paz, de alegria, de conforto, de uma vida util e espiritual, foi substituida dentro do lar pelo descontentamento que é agente de imoralidade e contradição do Belo e do Justo. D'aí a discordia que recaíu em doença, em desfalque economico, no desmembramento da familia que é prejuizo moral, que é desordem, anormalidade, na vida particular com reflexo na vida social. Sobretudo porque as mulheres infelicitadas e cativas, são outras tantas moleculas de dôr e degenerescencia que se reproduzem no corrompido organismo social.

E toda esta torrente de males, caudal impetuoso de morbidos efeitos, obstruindo o caminho da felicidade, provém de uma causa bem mesquinha. Cifra-se n'uma corrente de amor proprio, de vaidade, brotando de uma fonte de egoismo.

Quando me refiro ao homem, não con-

deno n'ele o individuo, mas unicamente o preconceito.

Ás vezes ouço os Pais censurarem as culpas dos filhos, e doe-me o coração. Porque essas culpas transmitidas pelo nascimento, pela educação, pelas influencias a que os expõem não são d'eles, como não são dos pais. Não proveem de uma ancestralidade pessoal, é da ancestralidade conjunto, é do obscurantismo, é da genese, é dos mil factores que só podem engendrar imperfeição e ignorancia. Por isso, homem e mulher devem combater ambos esse mal. Com mais razão a mulher, visto que é ela a vitima principal. Mas sempre com justiça, com brandura e razão que gere harmonia em vez de aumentar maior rivalidade e intransigencia.

Apontando portanto ao sexo masculino a inconveniencia de uma arcaica dominação de absolutismo, eu confirmo que o peor elemento da discordia domestica é esse erotismo dominador que vive arreigado ao seu animo e é causa de males irremediaveis. Esse defeito sobreleva um constante desejo de rebaixar, de deprimir para se crear em scetro de soberania.

Faz-se consistir uma especie de felicidade inferior e desumana, em descon-

siderar o fraco á custa da humilhação que oprime. Cultiva-se uma felicidade imperfeita na infelicidade dos outros. E adquirido esse habito, ele cega por tal fórma que é quasi sempre cruel, injusto, tirano. E' uma doença que abre feridas por onde o seu halito passa. D'ela sangram martirios e ficam rastros de dôr que se convertem em revolta. E' uma renuncia á felicidade, é a morte dentro da vida. E essa razão tão infima e tão grande, faz com que o homem desdenhe a voz da companheira dentro do lar.

E' por isso que a sufoca rudemente, é por isso que repudia o seu conselho e põe muralhas de obstinação entre os seus actos mais sensatos e as suas ideias mais justas, de antemão rebaixadas pelo prurido das opiniões anticipadas. Julgam guiar o barco da felicidade dentro d'essa aspera intransigencia. E afinal é por suas proprias mãos que ele encalha e se despedaça entre os rochedos do seu proprio egoismo, ou do egoismo de pre-historica tradição.

Todavia o homem tem de reconhecer em si os estragos d'esse terrivel microbio, e desinfectar o caracter do seu ruim efeito vacinando-se com mais sãos principios de rectidão, de cordura e equidade.

*

Vejâmos agora que soma de conclusões dá ás considerações expostas um coeficiente de razão.

Em primeiro lugar fixemos as origens da felicidade, que, embora em interpretações diversas e complexamente variaveis e relativas, giram em torno de tres pontos principais: riqueza, gloria e amor.

A objectiva da felicidade é variavel consoante a psique do individuo e as condições de seu meio ambiente.

A ancia de felicidade está na ordem da conservação da especie. Mas ha sempre relatividade entre a natureza e as tendencias de cada sêr e o objecto preferido da sua aspiração.

Seja, porém, como fôr, a verdade é que a humanidade, embora por fórmas diversas, corre á porfia para o alvo em que julga auferir a felicidade.

Uns mais moderados, apaticos ou abstractos. Outros insaciados, ambiciosos, emotivos e intensos; afinal todos desejam o seu quinhão de felicidade segundo o barometro do temperamento, da educação e do meio. O emigrante que abandona a enxada, a aldeia e a familia para ir explo-

rar a fortuna em terras inospitas, procura-a avidamente. Mas sente-se feliz com um pequeno peculio. O alto banqueiro carece de explorar o jogo financeiro de milhões para se satisfazer. O camponez restringe o seu sonho de gloria ao fato domingueiro que o tornará mais *guapo* e invejado. O homem de Estado ou o argentario só se contenta com o dominio de uma larga esfera para deslumbrar, para governar. A verdade é que a ancia de ser feliz pela gloria, pela riqueza ou pelo amor, é uma parte inerente á natureza humana, tanto maior quanto ela é anormal, impressionista e sujeita á tentação e ás ambições.

D'aí deriva um mundo de paixões que contaminam as criaturas, disfarçadas em fórmas que iludem a propria pessoa. A ambição, a vaidade, o egoismo e a inveja associam-se e produzem funestos estragos. Latentes ou visiveis, ¿que encadeamento de males precipitam? São feitas d'essas venenosas particulas as paixões que precipitam as guerras, as rixas politicas e a desarmonia do lar. E' a ambição de dominar que perturba a paz domestica ou a vida publica dos Povos. E' a vaidade que gera a inveja e pretende

despertar inveja para fruir uma degenerada satisfação. E é o egoismo que martiriza milhares de criaturas e perde os destinos de um Povo.

Dentro da familia, sobretudo, a tradição absurda do Patriarcado, dá ao homem uma enraizada e rispida feição de dominio e prepotencia. No fanatismo ancestral de soberania, quasi perde a noção da justiça. Cultiva então uma gloria degenerada que vem a converter-se em derrota.

O amor proprio atinge o grau do erotismo. Imagina, atacado d'essa aguda nevrose, realizar uma satisfação pessoal que mantenha o *ego* em supremacia. A divisa é *L'État c'est moi*. E então, vaidade e egoismo, produzem um funesto coeficiente de intolerancia que se transforma em doença cronica.

Exercer pressão a torto e a direito, eis o seu lema. Concentrar na sua todas as vontades estranhas. Vêr-se só a si e eivar-se do habito de tiranizar sistematicamente, sem dar por isso, sem distinguir os efeitos, contanto que o dominio se exerça e vença quer nas grandes quer nas pequenas coisas. D'aí o ponto de partida de innumeraveis injustiças contra aque-

les que se manteem em situação mais fraca. E' d'aí o efeito de acerbos pesares e prejuizos graves. Em torno d'esse poder egoista, tudo é perturbação, sofrimento, esterilidade, aridez, desconsolo, confrangimento. Sucede isto em muitos lares.

Conheço bastantes casos que me dão direito a julgar pela ordem que constitue a prova na maioria. Só no largo circulo das minhas relações conheço centos. Este criterio é um erro. Afinal o efeito recai em prejuizo comum. E o chefe de um lar é então como um marinheiro a quem está confiado o jogo de um navio e o faz naufragar por errar a manobra do maquinismo que desconhece.

Para evitar esse desastre bastaria o estudo da engrenagem que restabeleceria a segurança. Assim é com a engrenagem da harmonia domestica, perturbada pelo mau humor. O doente de egoismo é sempre um irritado. Tudo o inquieta e exalta. Quando não tem motivos, inventa-os. O seu estado natural é o atrito. O seu cruel e maquinal contentamento, é descontentar, deprimir, amesquinhar, para se elevar a si. Mas afinal cultiva a irritação em si e nos que o ro-

deiam. Deteriora o seu organismo moral e fisico e o de todos os que ataca e perturba. Derrama a bilis em si e nos outros. Aparecem doenças de que se desconhece a origem e não são mais que causas d'essa causa.

E' assim que o preconceito regularmente põe em uso a arbitraria força firmada na falsa lei dos sexos.

Bem sei que ha excepções em que os papeis se invertem, ou em que a harmonia é a lei conjugal. Mas são poucas. E quando a mulher é despotica póde bem ser que haja herdado o caracter paterno e recebido o influxo do exemplo e da má educação.

E é uma doença que se cria e se reproduz nas gerações. A mulher é a vitima principal. E os filhos herdarão a nevrose por ambos os lados. E' preciso que a cura d'este mal terrivel modifique o seu nefasto resultado. Crear no cultivo d'essa doença gerações doentes, é semear a imoralidade. O individuo são, offerece um potencial de resistencia para as lutas morais e materiais da vida privada ou publica. Esta condição é uma dependencia da felicidade. Um sér forte e equilibrado por natureza e educação, dispõe

de serenidade e bom humor. Espalha em volta de si bem estar e alegria. Realiza uma vida normal, que impregna os caracteres de suavidade e lhes oferece sensações agradaveis. Naturezas e orgãos enfermos são refractarios á serenidade, á bondade e ao prazer. São abortações, são degenerados que só recolhem da vida sensações murchas, estereis, sem colorido, sem calor ou perfume, para as projectarem em sofrimento proprio e alheio. São as *larvas* de pessimismo e de mau humor. Emquanto que as naturezas vigorosas são as seivas do optimismo, da alegria e da felicidade.

D'esta imperfeita e reduzida tecnica de pensamentos, irradia um Universo de verdades, desconhecidas e esquecidas, que se ligam ao problema da harmonia social e ao exito da vida. Deve esta questão magna prender a atenção de todos os educadores. Que as mães sobretudo previnam os seus desastrados efeitos, eliminando a inveja e o egoismo da alma das criancinhas.

Ponhâmos agora em foco as probabilidades de harmonia e felicidade que, bem dirigidas, podiam realizar um exito

relativo na vida dos dous protogonistas d'este livro, que são a realidade de muitas realidades fatais.

O homem dispunha de faculdades de inteligencia, de actividade e emoção. Mas todas elas incompletas e mal dirigidas. A' inteligencia faltava a subtileza, a intuição inspiradora, a elevação que se convertesse em força superior, creadora, para realizar o conforto material e espiritual.

A' actividade faltava a perspicacia, a rapidez de visão, o senso organizador e administrativo para que ao labor correspondesse o exito. Produzia, é certo. Mas o contraste d'esse esforço, destruía o mesmo esforço.

A' emoção faltava o cultivo. Existia latente. Manifestava-se em contrastes singulares. A leitura de um episodio narrado n'um jornal, em frases emocionantes, que relatasse um martirologio de mulher semelhante ao que a doença do egoismo-habito provocava, teria humedecido os olhos de piedade. Mas esse martirologio que ali perto se diluía em lagrimas, talvez causasse sómente maior e mais dolorosa irritação. Porque essas lagrimas representavam a muda censura ao amor proprio cronico que se sustenta

d'uma cegueira de razão, obstinada, desesperadora.

Este detalhe prova a existencia da dualidade que faz da mesma criatura sêres diferentes. Assim a natureza e o habito, quer dizer a verdade e o preconceito, chocavam-se creando a diversidade de psiques de que resultavam duas fórmas de ser diferentes, sendo uma proveniente da educação e do habito, outra das condições naturais.

Acentuemos agora os prejuizos e as consequencias d'esse facto. Eram opostas estas naturezas. ¿Mas existia inferioridade do lado da mulher? Não.

A logica, que demonstra o superior entendimento das coisas, não póde colocar em plano inferior manifestações de alma e de espirito cuja existencia se confirmou e ampliou quando liberta da cadeia angustiosa da repressão conjugal.

¿Porventura a rudeza, os habitos vulgares, a estreiteza de ideias e principios intolerantes, assim como a má orientação administrativa, são manifestações que teem direito a suplantar tendencias delicadas e faculdades de penetração intuitiva e organizadora que devem ter lugar e

consideração dentro das combinações harmonicas da vida conjugal?

Aqui temos bem nitidamente definida a arbitrariedade absurda, desumana, que faz pender a balança de todos os direitos em favor do homem com prejuizo de ambos, deslocando o fiel da justiça e da razão.

Tremendissimo erro o de tal legislação. E previdentissimo destino aquele que requeimou de dores uma existencia de *mulher-escrava*, para que do fogo que lhe carbonizou a felicidade brotasse a chama purificadora da verdade!

Ora se essa mulher se houvesse submetido até ao fim da existencia á sujeição mortal de todo o seu sêr, ¿que resultaria d'esse sacrificio? ¿Obediencia ao preconceito? ¿O cumprimento de um dever? ¿Mas qual é a significação do dever quando se é vitima dos que o homem não soube cumprir?

Depois, esterilizar uma existencia em nome de uma falsa noção da verdade e da vida e mantê-la amarrada sem proveito a outra existencia, é afinal um delito, porquanto se impõe ao espirito sacrificado trabalhar pelos que sofrem igual

sorte, restabelecendo a verdade nos direitos dos dous sexos.

Foi o desconhecimento d'essa verdade que manteve n'uma sujeição forçada a consciencia d'esta mulher. Não tinha elementos para reagir. Mas adoecia. Era uma deprimida. Perdêra a confiança em si. Convencêra-se de que realmente eram em si defeitos as manifestações que um dia se haviam de revelar qualidades. Assim por exemplo, dotada por hereditariedade de faculdades intelectuais, sentia a necessidade de as expandir, porque para isso as dá a natureza. Reprimiam-lh'as com o fatidico argumento de que a mulher *só é destinada ás panelas.* E como esse argumento encontrava correspondencia no meio atrazado em que a luz é escassa, a pobre nostalgica retraía-se, receava o *ridiculo do seu valor* convertido em defeito. Fui cumplice da sua propria escravidão e de uma fraude social. Porque essas faculdades, desenvolvidas a tempo e a horas, teriam melhorado o cambio das ideias do progresso. Aquilo que só á custa de um esforço exaustivo em vigilias de estudo, sem preparação, e com embaraços tremendos realizou em alguns anos ape-

nas de exercicio, te-lo-ia conseguido gradualmente, serenamente, enriquecendo-se de tesouros de erudição, aperfeiçoando-se na tecnica artistica para poder oferecer á civilização as locubrações de espirito que predispõem o progresso em molduras de arte superior. E tudo isto a mulher póde fazer sem deixar de ser uma boa dona de casa. A questão é ser educada na ordem, no metodo, no culto da familia e das ideias de humanidade que devem fazer parte de todas as existencias superiores e bem orientadas.

Ora esta organização feminina estava naturalmente indicada a completar o homem. Pela perspicacia observadora subtilizaria a sua capacidade pensante menos desenvolvida, ou antes menos arguta, e preveniria muitos prejuizos visionados. Pelos dons de sensibilidade e ternura retemperar-lhe-ia a irascibilidade doentia de caracter, a indisciplina de impulsos. Pela tendencia inicial e organizadora, auxiliaria o progresso das condições materiais, e pelo senso estetico aristocratizaria os habitos, e enfloraria de graça o recinto domestico. Mas a resistencia do amor proprio era impenetravel, invencivel.

A ruina moral e material acentuava-se. A mulher teria de assistir impassivel ao derruir de todas as probabilidades de paz, de equilibrio moral e economico.

¡E sentir que se submergem todas as garantias sem poder salvá-las! ¡E definhar-se a saude na preocupação fixa e caustica do desastre inevitavel! ¡E observar a cegueira que se deixa explorar para não ceder e que será ruina sem poder valer-se-lhe! ¡E ter a previsão de um futuro de sombras, e nada, nada poder conseguir para evitá-las!

¿Ha lá nada mais desumano, mais revoltante do que essa lei juridica que permite ao homem mau administrador, independente, caprichoso—submergir, evaporar os meios de fortuna que são de ambos desde que se uniram, despresando conselhos, advertencias, solicitações e direitos da mulher quando a consumação dos factos prova a sua razão e quando o irremediavel é uma tremenda lição?

¿Com que direito se apossa um sêr da vida de outro sêr, para mutilar os seus direitos, deteriorar as seivas vitais da personalidade e todas as promessas de bens materiais que o destino auspiciára?

¿E ha-de submeter-se, e ha-de calar-

se, e ha-de capitular n'uma passividade de sêr irracional como as miseraveis mulheres que em antigos e incultos povos orientais comiam os restos da refeição que o marido atirava á sua miseravel e infima escravatura?

¿E ha uma lei para realizar esse assassinato de direitos, esse estrangulamento de vidas, esse envenenamento de almas, esse aniquilamento de sêres, em nome de uma legislação que é um crime, uma burla, um atentado contra todos os principios de justiça, humanidade e libertação?

*

Detalhando pormenores minuciosos que convem fixar para justificar a conclusão final, vejâmos ainda o que foi esta mulher sob a pressão conjugal.

Como a não deixaram revelar-se, foi um sêr artificial. Os seus actos foram subordinados a influencias mediocres e sujeitos á força, ao mesmo tempo *superior e inferior*, que os suplantava. ¿Que resultou? ¿Revolta, indignação, sofrimento, esterilidade de acção, azedumes de caracter? Sem duvida. Forçada a re-

traír-se através de aspectos falsos, a passividade cedeu lugar á indignação.

Mais ainda. ¿Chegou essa criatura a lançar mão do disfarce e até da mentira para evitar choques que a atormentavam? Talvez. Menciono um exemplo d'esse delito. Esta mulher era obrigada a frequentar relações de argentarios, gente vulgar e soberba que encara a pessoa pelo trajo que ostenta. No acto da apresentação impunha-se que ela correspondesse ás formulas d'esse meio *ostensivo,* sustentando o aparato exigido.

No acto da reclamação que *suplicava a esmola* do atavio indispensavel e conforme á posição e ás condições, o conflito era certo, humilhante, implacavel, doloroso. O mesmo sucedia nas combinações do *ménage.* ¿Que resultava d'aí? Para evitar pugnas, recorrer aos meios astuciosos que evitem inquietação e humilhações embora repugnem aos caracteres talhados para outra norma de natural rectidão. Póde-se d'aqui concluir a psicologia da mentira que se atribue á mulher e avaliá-la na mesma ordem de origens que vai das pequenas ás grandes coisas, obrigando-a a disfarces e retraímentos.

Fóra do lar, a mulher que fôra n'ele uma figura desvalorizada e fraca, manifestou-se sob outro aspecto. Quebrada a algema do presidio, revelou-se. Venceu dificuldades assombrosas, trabalhou, produziu, provou senso organizador, qualidades de iniciativa. Só, e a despeito de mil peias que a falsa situação lhe creava e do choque eminente entre a razão dos seus direitos e a negação da sociedade, creou considerações, elevou-se, cultivou um terreno aspero onde lançou a semente de ideias e iniciativas que indicavam senso organizador e clareza de raciocinio. ¿Não frutificavam? Não era sua a culpa. Pertencia sempre ao encadeado dos erros sociais. Primeiro, ao entrar por uma porta tão falsa no proscenio da vida social, a mulher que cometer o crime de se libertar, leva aos pés uma nova grilheta. As opiniões já de antemão lhe são desfavoraveis. A desconfiança, a insuficiencia de garantias morais e materiais dependentes do meio falso e a impreparação do senso ético, em relação á mulher, são outras tantas improbabilidades de ganhar terreno em que ela possa produzir e revelar-se.

Na mesma continuidade de efeitos vai

ficando esterilizada a verdadeira psique feminina. E, sofismada, menosprezada, estagnada a obra que deveria realizar em campo apropriado.

Por fim, se a mulher se revolta e exalta pelo desdem votado aos seus esforços, dá-se-lhe ainda a classificação de *toqué*.

*

Entrando agora ligeiramente nos dominios da fisiologia, quero provar quanto, sob esse ponto de vista, a fisiologia da mulher é acidental. No regimen da penitenciaria moral, o sêr fisiologico da mulher em questão sofreu perturbações terriveis. Aos vinte e cinco anos representava cincoenta. Era uma ruina completa. Arrastava uma vida de decadencia fisica em consultorios medicos e casas de saude. O seu espirito era um cortejo funebre de presagios e de ideias tetricas. Morria de desfalecimento e tristeza.

Afinal despedaçou as grilhetas. ¿Outras a manietaram? Embora. Eram menos dolorosas. Partiam de estranhos. E as outras eram dos seus. Depois, n'essa nova vida de sacrificio, ao menos tinha uma compensação. Cumpria uma devo-

ção de humanidade. Era util, se não de utilidade reconhecida ao presente, de proveito certo no futuro. E' essa a divisa que ennobrece os sinceros evangelistas.

Quando se cria uma vida elevada e util, é-se sempre resignada. E essa vida superior que lhe foi negada no lar, creou-a na religião altruista. Cultivou n'ela a paz de espirito, a serenidade, o resurgimento fisiologico. A despeito de vigilias, inquietações, desconforto, excessos exaustivos de trabalho, irregularidades de alimentação que anteriormente não suportaria, aguentou-se, e resistiu, e ressuscitou.

O alimento espiritual dava-lhe renovamento de seivas que triunfavam da fadiga, da idade, reconstituindo-lhe um aspecto que reparava os estragos da doença e reconstituia a normalidade da expressão perturbada.

E ao recordar-se das longas e penosas peregrinações pelos institutos medicos, ela pensava que a multidão de mulheres que por lá encontrára, eram outras tantas doentes de alma, entoxicadas de perturbações morais que degeneram em morbidas e pungentes afecções fisicas e patologicas. E concluia que a fisiologia da mulher é, como a sua psicologia, um aci-

dente que já vem de longe, sofrendo deformação pela repressão, e sujeita a adulterações e deduções injustas. Portanto, uma e outra não podem classificar-se senão em relação ás condições especiais e acidentais.

Este facto é bem claro no caso presente. Só creando a justiça dentro da liberdade, a mulher se revelará. A liberdade é o dogma da civilização. A civilização impõe as democracias. E não ha democracia sem que a mulher se liberte ocupando n'ela o seu verdadeiro lugar. A liberdade de direitos cabe dentro de todos os deveres. Mas esses deveres teem de ser relativos e reciprocos entre o homem, a mulher e a sociedade.

Dentro dos tres elementos da felicidade—gloria, riqueza, e amor, ¿que condições reuniu esta mulher?

No campo da riqueza, nenhumas. As que lhe vieram do casamento, o casamento lh'as roubou. Tinha atributos, que, bem dirigidos, representavam proveito material, e constituiriam a independencia moral, que é uma contingencia de dignidade propria.

Mutilaram-lh'os as convenções. O fa-

cto representa desfalque ás garantias individuais e sociais. E portanto é desumano, injusto, retarda os movimentos do progresso.

No campo da gloria foi igualmente vitimada. Tinha todas as probabilidades de a obter, se lhe não fosse retardada pelo atrazo social, a entrada na esfera da arte, do humanitarismo onde a gloria do espirito e da consciencia é fonte de sensações inefaveis que dão á vida uma fragancia vivificadora e estimulante.

Na esfera do amôr repetiu-se o mesmo desfalque. O amor é nas raças sentimentais uma necessidade absoluta. Está longe de ser aquela manifestação superior de naturezas educadas que se atráem por comunhão de ideias e sentimentos nobres realizando a fusão espiritual e corporal. Mas a alma da mulher, que é feita de emoção e ternura, carece do amor como a planta do sol. A historia natural é toda ela uma lei do amor. E só quem não sabe observar o vacuo que sente na vida quem por dever de convenção o exclue d'ela, contestará a aridez da existencia que se não embeleza da humana e creadora luz do amor.

Os direitos do homem são n'este caso

mais uma iniquidade. O homem não prescinde das influencias do amor, em todos os seus aspectos e expressões.

Casto ou impuro, grosseiro ou elevado, só por aberração ou debilidade vive sem o procurar. ¿Julga-o exclusivo seu? Mas a natureza estabeleceu-o igualmente para ambos. E o preconceito que o condena, representa uma monstruosa aberração.

Possuia a vitima d'essa mentira as condições que dispõem as correntes de simpatia, nas quais se gera o amor. Renegava-lh'as, porém, o direito de as estreitar essa monstruosa força convencional. Era um simbolo. E como tal lhe eram proíbidos os elementos em que a natureza humana faz consistir a felicidade, realizando a expansão simultanea da personalidade espiritual e fisica e a justa aspiração de realizar o exito na vida material.

Muitas opiniões hão-de agitar-se em sentidos opostos para julgar o caso que me serviu de tese. As correntes do catolicismo imporiam resignação passiva e cega obediencia ao dominio conjugal, quer ele represente razão ou arbitrariedade. Da mesma fórma os preceitos minoseis-

tas aplaudem a dominação da prepotencia masculina.

Algumas opiniões, ainda semi-progressivas, aconselhariam aquela plasticidade de vontade, que consegue disciplinar as emoções e os sentimentos, adaptando-os com placida serenidade ás condições que deformam a personalidade para se identificarem com a dos outros, embora d'aí resulte só esterilidade e decadencia. Todas estas opiniões estão fóra da verdade. Os prejuizos d'essa lei de obediencia são desumanos, são dissolventes, embora não se percebam.

Ela póde pôr-se em vigor. Mas a depressão moral que origina vai-se reproduzindo em gerações sucessivas.

A causa não se vê, porque se não sabe vêr. Mas existe. Vai de geração em geração criando sêres que são abortos, e revoltas que são desgraças.

Mas acima de todas as leis ficticias, além das forças dogmaticas, ha uma força suprema.

¿Natureza, misterio cosmico, providencia, Deus? Emfim, força que manda, combina, dispõe. E na sua dinamica incessante ela impeliu para outro caminho, que não o da sujeição infecunda, a vida que des-

tinára a muito sofrer para muito amar na cristalização da sua revolta. Não revolta de vingança, de rancor, de violencia; mas a revolta que se funde em amor pelos que sofrem, a revolta que é solidariedade, redenção, e só na Verdade póde realizar a harmonia; a sagrada e frutificante revolta que nos abre no regaço da Natureza, da Providencia, o livro d'essa Verdade para a converter em justiça, em luz e amor.

A realidade justificando a teoria

Sendo este livro um facto que completa a tese de Jean Finot, concluirei pondo em confronto um resumo de argumentos com as conclusões somadas na realidade. Em profundo e scientifico estudo sociologico e humanitario, e sob o ponto de vista psicologico, fisiologico e biologico, Jean Finot demonstra que a mulher não é psicologicamente ou fisiologicamente nada do que deve ser por natureza. D'aí são falsas, infundadas, todas as apreciações que d'ela se fazem. Ponham-se agora em paralelo a soma de provas colhidas do caso real aqui relatado e dará este *desideratum:* A mulher

oprimida, deprime-se; deprimida, adoece. Doente, reproduz a dôr e a degenerescencia. Massacrada e incompreendida, recorre á mentira e ao disfarce, perpetúa a imperfeição e a infelicidade. E liberta, revela-se. Cultivando o Bem, aperfeiçoa-se.

Responsavel pelos seus actos, cria n'eles maiores deveres, dentro de maiores responsabilidades. E' uma criatura e não um *objecto*. E' uma força e não uma fraqueza. E' um valor e não um desfalque. *E' uma Mulher* e não uma criança, a quem, á força de se acusar e castigar de delitos que á sociedade pertencem, se desmoraliza e se revolta.

O seu valimento reabilitado, é urgente, é indispensavel ao justo equilibrio das sociedades. Quer no lar, quer na vida publica, tem de ocupar o lugar de aliada do homem, e não de sua escrava. Emancipada, emancipará a sociedade; robustecida, fortalecerá as gerações; espiritualizada, espiritualizará o meio ambiente; e respeitada e resgatada, preencherá o vácuo de amor consciente, solidario e humano que é urgente para conseguir a vitoria da harmonia Universal. Pertence-lhe a obra do amor, a obra do senti-

mento. E é dentro da sua alma que eles residem. Em doces e limpidas claridades eles se transformarão em farol para que as consciencias distingam o erro, medrando dentro do seu infortunio. E' á mulher a quem compete combater a prostituição, o labeu do seu sexo. E' ela a quem cumpre desenvolver a obra da educação moral pela educação dos costumes e dos instintos.

E' preciso para isso que ela faça parte de todas as instituições de educação, de altruismo, de progresso. Que ela entre nas redacções, nas escolas, nos centros de arte, de letras e sciencias. Que faça aí penetrar gentilmente a subtileza do seu instinto, a delicadeza de seu engenho de sentimento, a rapida visão do seu entendimento, a sua obstinação, a sua resistencia, a sua fé, identificadas com o valor do seu companheiro para levantarem os espiritos, depurando as consciencias e saturando de aperfeiçoamento o ambiente de habitos pornograficos inferiores e deleterios.

No lar carece a mulher de noções pedagogicas e psicologicas para educar os filhos. Da luz das sciencias naturais para amar e compreender melhor a vida. Dos

conhecimentos quimicos e matematicos para distribuir os alimentos segundo uma sã higiene, para dividir e aplicar o tempo, n'uma disposição de metodo, de ordem e de bom senso. E emfim a arte a inspirará na beleza e a beleza reflorirá em bondade. Creará em si d'esta fórma outro genero superior de encantos que proveem da beleza interior e aumentarão ou substituirão a beleza do corpo.

Desde que saiba educar-se no habito da ordem e da divisão do tempo, mesmo a mãe de familia terá sempre tempo para se ocupar de obras de altruismo. E colherá d'essa devoção um culto pela vida superior. Aquelas que se consomem n'uma agitação esteril; aquelas que se ennervam em leituras romanescas, dissolventes e morbidas; aquelas que fazem da puerilidade a sua vida, e da sua vida a puerilidade, encontrarão alegrias supremas se tiverem coragem para renunciar a essa agitação vasia e se sugestionarem de mais sãs influencias. Procurem lêr bons livros, vizitem instituições, creches, escolas, refugios onde crearão em si um grande ideal de humanitarismo.

A principio acharão fastidioso, depois sentirão pouco a pouco invadi-las a sa-

turação das coisas belas, elevando-as ao mundo das coisas sublimes. A primeira audição de um trecho de musica classica é quasi sempre desagradavel e por fim inebria. E' um grande passo para a alegria da vida saber crear em si as sugestões superiores. Creai-as em vós, mulheres e homens do presente, para que as gerações que vos sucederem vos sucedam em maior perfeição e em maior beleza.

São sempre reconfortantes as emoções que teem raizes nas raizes da alma. Toda a criatura deve aspirar ao bem. Realiza-lo é um dever. E esse dever está no culto da Humanidade, no culto da Patria, no culto da familia. E' a familia que engrandece a Patria, é a Patria que engrandece a Humanidade.

Aperfeiçoar os costumes é aperfeiçoar a vida, que se tornará perfeita dentro da familia para o ser dentro da sociedade, pela união e pelo amor dos dous sexos, pela emancipação espiritual de ambos que espiritualizará a Humanidade e a emancipará do sofrimento causado pelos seus erros, creados na sua inconsciencia.

Subalternidade feminina

Prova-se perante a historia dos factos, que a situação da mulher tem sido, através de todos os tempos, muito mais martirizante do que a do homem. Mas as investigações da hereditariedade comprovam que as influencias que abalam o sistema nervoso da mulher no periodo maternal recáem no sêr em gestação. Assim como se cruzam todas as condições fisiologicas, e todos os detalhes psicologicos de ambos, a ponto de não existir exclusivo que determine os defeitos ou as qualidades dos dois sexos.

Os mais recentes estudos biologicos provam até quanto são erradas certas conclusões psicologicas que se atribuem á disposição organica da mulher. Cáem, pois, pela base, quasi todas as formulas que até hoje véem sustentando um errado criterio sob as suas funções, qualidades e imperfeições. E são de tal sorte decadentes os estragos que véem fazendo tais ludibrios, que a reacção de concepções é uma consequencia logica e determinista que reivindicará naturalmente a razão.

Os destinos de ambos os sexos, e por-

tanto os destinos da colectividade, são alvejados por esses erros. Forçoso é que ambos os sexos, responsaveis por eles em prejuizo da especie, se unam n'um pacto de confraternização que os eleve em comum á ascensão do aperfeiçoamento, para atingirem a harmonia e a felicidade a que ambos aspiram e que ao presente é efemera e fragil.

Já demonstrei que a felicidade é a expansão individual, a alegria de viver, de criar, de produzir em proveito proprio e comum, de sentir e de agir segundo as inclinações nativas ou as exigencias de aspirações superiores. E' esta a balisa de felicidade das sociedades futuras em contraste com as leis antigas assentes só em condições que representam a compressão total da individualidade fisica e moral.

¿Realiza a mulher estas condições? Bem longe d'isso anda o seu destino de renegada. E emquanto que a mulher fôr martir, o homem é e será um eterno condenado. Já me referi á escassez de garantias morais que deviam patrocinar a influencia da mulher em paralelo com a atenção pela sua condição economica.

¿Que direi sobre o predominio mate-

rial senão que é tudo quanto ha de mais banal, instavel e degradante? Fragil predominio aquele que se firma só n'uma curva plastica que o saciamento rejeita, que os caprichos voluptuosos aborrecem, e que o tempo deforma e enruga. Ou efemera soberania a dos atavios, da *coquetterie*, da mentira, da cubiça que esses *petits riens* acendem no animo do homem inferiormente materializado, e, tão longe de conhecer o verdadeiro amor, como perto está da degenerescencia que requer estimulantes falsos para agitar naturezas morbidas. Os laços que ao presente ligam os dois sexos são tecidos de frivolidade, de contingencias falsas, dissolventes, acentuadamente imorais.

Ha-de fatalmente despedaça-los a evolução etica que se firmará em bases solidas de beleza moral superior.

Passarão seculos talvez antes que a luz se faça.

A humanidade continuará a ser o Jeremias queixoso de males que inconscientemente cultiva, desprezando o remedio que será inspirado pelo coração martirizado da mulher. O homem, desviado do ponto que fixa a universidade reguladora das coisas, defenderá por lar-

go tempo os direitos ilegais do egoismo, creados pelo proprio egoismo, e será refractario ás manifestações de espirito e de coração da mulher fóra das correntes materialistas que lhe exaltam os sentidos e o transformam em escravo submisso.

Essa consequencia é legitimada pela mentira, que será vencida de futuro pela verdade.

Essa verdade diz que as nações, a humanidade e os costumes agitam uma tempestade de conflitos, de desgraças, de erros e tormentas. O fantasma do exterminio surge em meio da confusão pavorosa da guerra. Atribuem-se causas de ordem economica, politica, industrial, a esse estado de desordem, de balburdia, de tirania, que arrasta a extremos de crueldade, de vinganças, de devastação, criaturas humanas vivendo em Povos que teem fóros de civilizados. E toda essa massa humana, inconsciente cooperadora da guerra, gasta as suas energias pensantes em discutir as causas secundarias que precipitam as perturbações sociais, alheada d'aquelas que, parecendo as ultimas, devem ser as primeiras.

Uma d'elas é o antagonismo, a desconfiança, o menosprezo, a rivalidade

que existe entre os sexos, ocasionando o desaproveitamento das faculdades femininas que deviam formar uma corrente de energias essenciais de perfeito funcionamento de uma sociedade regular.

Se a maquina de uma grande fabrica destinada a funcionar movida por dois eixos, fôr impelida por um só, serão irregulares os seus movimentos, e imperfeita a manipulação dos artefactos. Da mesma fórma o maquinismo das sociedades.

Nenhum dos seus movimentos é completo sem a colaboração integral de ambas as partes que completam a evolução natural. Nenhuma reacção de prosperidade moral, espiritual e economica dos Povos deve dispensar o concurso das faculdades femininas. Porque só elas dispõem, embora em embrião, do poder emotivo que acordará no homem as energias latentes do sentimento para retemperar-lhes o caracter, e incutir-lhe o vigor de alma e a subtileza de espirito que reflorirão em devoção por todas as ideias de bondade. Em todas as afirmações de genios masculinos que exerceram altas influencias nos Povos, quer como artistas, pensadores, ou homens de Estado, se encontra sempre o influxo de uma alma

de mulher que lhe aperfeiçoou a consciencia, e que lhe serviu de guia e estimulo não só por meio do amor, como pelos tesouros da sua experiencia e da sua intuitiva sensibilidade e argucia.

No entanto essa acção permanece quasi anonima. A gloria d'essa influencia goza-a o homem. E bem pouco serve para reconhecer o prejuizo que essa injustiça acarreta em desfalque da civilização.

*
* *

Tentarei prova-lo, pondo em frente do resumo de observações praticas que tenho colhido da experiencia da vida, as razões de Jean Finot, cujo quilate profundo, vasto e cristalino, teem o condão de envolver a aridez da filosofia n'um polvilhamento de arte subtil, delicado, transcendente e sugestivo. Jean Finot é a estrutura do doutrinario privilegiado por dons especiais. Espirito engenhoso de artista rescendendo poesia e bondade, consegue extraír dos dados scientificos, as razões metafisicas relativas á felicidade humana, com a leveza graciosa, alada, encantadora, de insectos irizados explo-

rando o nectar das flores para o converter na ambrosia dos favos que representam a abundancia e a alegria da colmeia. Reproduzo alguns periodos do seu magnico livro *Les Préjugés et le Problème des Sexes:*

«Nós pedimos muito á vida cujos possiveis vão mais longe que os nossos sonhos audaciosos. E se ela se mostra surda aos nossos rogos, é que nós não sabemos compreendê-la nem falar-lhe. Erramos em tal caso. E n'esse erro proclamamos a autonomia do homem desprezando a da mulher. Desprezamos d'essa fórma a lei de equilibrio, querendo fazer subir muito alto uma metade da humanidade, deixando a outra metade muito em baixo. D'aí a escravidão, a negação da fortuna de exploradores e explorados. Os erros do homem sobre a fórma de sofrimento e inquietação imposta á mulher, reteem-n'o infalivelmente no terreno da desgraça. A desaparição d'essa desdita, depende da reflexão que convencerá o homem do prejuizo que provém do esquecimento da sua companheira, tendo-a a seu lado sem se aperceber do seu valor desdenhado e comprimido em desproveito de ambos.

A' cooperação social e politica da mulher deveremos no futuro a diminuição senão a desaparição total das desgraças que envenenam a vida dos Povos, dos individuos e da humanidade. E emquanto se não dissipar a convicção de que o valor do homem é superior ao da mulher; emquanto existirem entre ambos muralhas de mentiras, construidas de despeitos e rivalidades, de desconfiança e desdem, toda a marcha do progresso se encontra retida pelos seus falsos e vãos movimentos.»

N'estas considerações revive em todo o seu esplendor de justiça e harmoniosa bondade, o poema da vida Egipcia descrita por Michelet na *Biblia da Humanidade*. A sobrevivencia d'essa religião de amor que enflora de beleza espiritual os divinos canticos do Râmayâna, restituirá á apagada consagração de outr'ora a mulher de hoje humilhada e deprimida. Fará resurgir a capacidade amoravel, criadora, e docemente previdente da mulher amada, forte, bela e respeitada que ao lado do companheiro dilecto preparou a chama purificadora e simbolica de Agni, o mensageiro da alegria e do conforto domesti-

co. Agni representa a cooperação dos dois sexos na obra da criação. O seu brilho encheu de luz e calor o lar e o Universo. A brutalidade das guerras e das religiões, apagou-o.

Mas hoje que outras faiscas de novas luzes aumentam o resplendor d'essa verdade, a fulguração sublime do Râmayâna impregnada de candura e poesia projectará o seu clarão bemdito na treva da inconsciencia Universal.

As tradições

A verdade é o futuro. A mentira vem do passado.

O *integralismo* que pretende recuar ás epocas antigas de um Patriarcado primitivo, sugestionado por influencias de sobrevivencia desumana, é apenas um sonho. Encontra ambiente, talvez, porque ha espessas sombras de tradições que são nuvens denegridas acasteladas no céu da verdade impedindo o refulgir do sol creador e libertario. Mas da mesma fórma que se produzem as transfor-

mações cosmicas que dissipam as nuvens, assim avançará a evolução social que dissolverá os erros.

Tudo é instavel e relativo, nos dados da consciencia humana. Essas tradições que subsistem, saturando de erros e infortunio o ambiente que respiramos, hão de pouco a pouco ser derrubadas á força da tenacidade dos espiritos a quem compete fazer a analise da sua genese e provar o nefasto efeito da sua existencia.

A rotina arrasta a humanidade em habitos e concepções eticas que se julgam logicamente fundadas e propicias ao bem estar comum ou parcial.

E' dos seus erros que ha-de germinar o remedio. Esse erro faz os martires. E esse martirio transforma-se em claridade redentora.

A humanidade sofre. Vive apenas no anceio de uma felicidade de que tanto se desvia quanto mais julga alcançá-la. Consomem-se energias sem conta no estudo do complicado problema da emancipação humana. E é tão escasso, tão instavel e negativo, afinal, o resultado das evoluções e das locubrações metafisicas!... Gravitam em torno do movimento rota-

tivo d'essa evolução, mil satelites de magna grandeza scientifica e literaria que constroem monumentos de investigação arcaica e futurista. Politicos, economistas, moralistas, apostolos, filosofos e poetas, todos julgam gastar o combustivel das suas energias sentimentais, reformadoras e pensantes, na construção do alicerce em que assentará o edificio de uma nova civilização. Mas a materia prima que solidificará a resistencia do novo edificio, entra em dóse insuficiente n'essa obra de reconstrução. ¿Em que consiste essa materia prima? No estudo profundo, conscienciosо, humano, do prejuizo que divide, que infelicita e oprime os sexos em desproveito de ambos, vitimas e vitimados e portanto da humanidade em geral.

Os verdadeiros obreiros da civilização são afinal aqueles que encaram o ponto mais grave da questão social, através da analise scientifica e psicologica do problema feminista.

Porque n'essa grave e flagrantissima questão, de que dependem muitas outras, é que está a chave do enigma relativo ao harmonico equilibrio das sociedades. A corrente das opiniões salta, em maioria, por sobre este assunto tão grave, com a

mesma leveza infantilissima de criterio com que uma criança se expõe a perigos que desconhece.

D'aí a contestação maquinal das conclusões que se deduzem perante o estado decadente e revoltoso das sociedades movidas por uma engrenagem falsa e impropria de um funcionamento regular.

As provas vão, porém, surgindo seguras e concretas de todos os lados onde entra a compreensão elevada da vida. E a cegueira em que se agitam consciencias abstractas amarradas aos velhos principios como mariscos colados a rochas de granito, vai principiando a iluminar-se fixando um facto de tanto alcance para a historia da evolução.

E' uma empreza rebelde trazer á luz do tablado convencional, a flôr viçosa da justiça colhida do tronco vigoroso da verdade. Mas não ha triunfo que não represente um grande esforço. Embora vagarosamente, o homem, á força de cultura, de reflexão e de sofrimento, irá percebendo como é vitima dos erros de concepção que desdenham o valor da sua companheira. Porque o estado de inferioridade da mulher, repito, reflecte-se na vida dos dois sexos.

A questão feminista é positivamente uma questão comum. ¿Porventura a opressão, o descontentamento, o sacrificio que é na maior parte dos casos imposto á mulher, não reflecte os seus efeitos perniciosos no homem gerado nas suas entranhas, e alimentado ao seu seio perturbado de inquietações?

E a par d'esta face importantissima da questão feminista, ¡quantos outros aspectos provam a sua melindrosa importancia! Ao lado do prejuizo fisico, complicando a degenerescencia das raças, está o prejuizo moral, o prejuizo economico, o prejuizo politico, nacional e internacional. Podem as multidões conservadoras, alheadas do assunto, responder a este argumento com um gesto de sceptico desdem, de hostilidade ou desumana indiferença. Contra provas não valem argumentos, e a verdade tarde ou cedo é revelada.

O homem — e dizendo homem digo a sociedade, visto que o dominio social é por emquanto quasi exclusivo do seu arbitrio — é por conseguinte vitima dos erros que uma imperfeita constituição social alimenta.

A opressão da mulher representa in-

felicidade para ambos. Qualquer dos prejuizos, mencionados, quer na ordem moral ou material, individualista ou sociologica, constituem lesão de interesses que afectam inteiramente o organismo social em todas as suas arterias, em todo o seu funcionamento. Nas diversas expressões da vida social e moral, superior e bem compreendida, a mulher é um sêr apagado, imperceptivel.

¿Não está apta para a exercer? Sem duvida. ¿Mas por quê? Porque a sua situação inferior a reduziu a um estado de imperfeição. Legalizem-se os seus direitos, liberte-se a sua situação, reconheçam-se os seus dotes naturais, aproveitem-se os seus valores de sentimento, rebusteça-se o seu organismo, eduque-se-lhe o espirito, forme-se-lhe um caracter nobre, e surgirá a criatura cheia de meritos espirituais e afectivos urgentemente reclamados para o resgate das sociedades. Em tais casos ela completará o homem, e o aperfeiçoará, adoçando-lhe o caracter e iluminando-lhe a razão, para cumprirem ambos a função de harmonia, de amor e engrandecimento a que a natureza os destinou.

Os defeitos da mulher não são mais

do que uma derivante dos primitivos defeitos da legislação social. E esses defeitos infelicitam ambos os sexos. D'aí a necessidade de homem e mulher se reconhecerem ambos imperfeitos, escravos de si proprios e da constituição social, desde que alimentem as causas que os desarmonizam e degradam.

Na reduzida capacidade descritiva de um pequeno livro, não é possivel senão abordar ligeiramente os pontos graves da questão feminista no sentido do seu efeito perturbador de caracter moral e economico.

Cada um d'esses pontos é, por assim dizer, uma vasta tese que eu tenciono estudar profundamente no seu aspecto pratico e teorico. Porque só assim se podem conglobar provas concludentes que déem ás afirmações uma expressão de verdade convincente que se transforme em corrente de convicções de onde nascerão os frutos de uma consciencia nova.

Muitos economistas insistem na afirmação de que a questão economica é o ponto essencial do problema feminista. E concentrando-se no exclusivismo da sua opinião, acham secundaria a reabilitação moral que julgam dependente da

primeira. Assim, permanecem indiferentes ao esforço que pretende preparar o terreno da autonomia feminina pela propaganda da ideia. Tenho sobre este assunto uma opinião pessoal que baseio na observação filha da experiencia e me dá este *desideratum*. O aperfeiçoamento moral, relacionado com o reconhecimento de valor feminino, póde converter-se em elemento de prosperidade economica. Enquanto que a independencia economica sem a educação moral, não comporta as bases de um relativo bem estar, antes precipita a ruina dos haveres materiais.

De fórma que a solução tão grave do grande enigma social que preocupa os mais autorizados sociologos, deve manter em paralelo os ponteiros da sua regulamentação, fixando simultaneamente as bases do progresso moral e economico dependentes um do outro. A educação dos costumes, das ideias, das aspirações, representa progresso, póde converter-se em fonte de riqueza material.

Desenvolver inteligencias é explorar filões de seivas creadoras. E pôr em acção a inteligencia e o sentimento da mulher, o seu espirito organizador e activo, é preparar uma receita economica, é fundar

um capital de energias que devem ser moeda corrente na industria dos interesses colectivos.

Preparar portanto o levantamento moral da mulher, é condição essencial para traçar a face nova de uma vida de utilidade, de amor e trabalho, é fomentar riqueza, é garantir proveitos, é estabelecer um agio de civilização impulsionando a consideração que merece o esforço e as faculdades desdenhadas do sexo feminino.

O problema feminista em face da guerra

Dizem os advogados do pacifismo, que a guerra é um estado de degenerescencia patologica. Que produz o erro, a embriaguez da conquista, a loucura, o erotismo de ambições, a precipitação ilegal e irreflectida do despotismo, a falta de raciocinio sereno e logico, emfim, o desequilibrio das ideias e dos actos.

Não conheço a fundo os tratados pacifistas. Mas entre alguns que tenho folheado, observo que se discutem todas as

causas, que um aturado estudo scientifico vai salientando. Mas abordam-se essas causas segundo a etica antiga e contemporanea. A causa das causas que entra nos dominios do futurismo, está pouco revelada. Confirmam esta opinião alguns argumentos extraídos de um interessante opusculo de Bensabat Amzalak, *A questão Pacifista*, prefaciada pelo ilustre Pacifista dr. Magalhães Lima:

«Se o grupo de individuos que compõem uma sociedade estiver em estado de saude, isto é, se praticar acções colectivas segundo a natureza das coisas, essa sociedade estará sã, e será a mais prospera possivel. Se pelo contrario estiver influenciada pelo erro a sociedade virá a sofrer as consequencias d'esse estado patologico colectivo. ¿Como atingir o estado de prosperidade relativa individual e colectivamente? Creando o bem-estar individual que cria o bem-estar colectivo. O meio essencial é procurar e conservar a felicidade e a vida. E os individuos ou as Nações que a destroem estão em erro, portanto em estado de loucura.

Eis como uma das causas da guerra é o erro de que provém a loucura».

Adaptemos agora estas considerações ao resumo de efeitos que venho detalhando. Somem-se com imparcialidade, com humanitarismo e inteligencia. E essa soma esculpirá este dilema de verdade e de justiça, no espirito sinistramente agitado dos Povos em luta. Dentro dos insondaveis prejuizos da guerra, agita-se como causa primordial o problema dos sexos. A mulher, que é o deposito invulneravel da vida, não póde permanecer na sociedade como uma parcela infima e desrespeitada. A sua função procriadora é a *indicação solene, inviolavel* da reabilitação dos seus destinos.

A divisão da sociedade provém da divisão dos sexos, e da desunião da familia. Homem e mulher são dois descontentes e dois vencidos. Separa-os o problema moral. Só o quebradiço fio material lhes serve de liame efemero. Rivais e contendores reduzem-se a reprobos expatriados, expulsando-se a si proprios do reino de uma felicidade que a sua ignorancia renega. Deportados que arrastam a vida n'um exilio de inconsciencia, em mendigar de falsas venturas, vegetam á tona d'essa vida desconhecendo-a como se desconhecem a si, ignorando as impressões

reanimadoras e os meios de ser feliz. A incuria da higiene moral e material, perturba cada vez mais naturezas doentes. O direito de cultivar os vicios triunfa.

E no presidio da nostalgia, no abismo da loucura, no desespero cobarde de suicidio, ou no desfecho da morte prematura, e no delirio sangrento de guerras e conflitos politicos se despenha uma humanidade nevrotica que se infelicita ás portas do Paraizo. Não se sabe pedir á vida tantos confortos que ela encerra contidos na bondade do Bem, e na beleza do Belo. Não se sabe fazer a educação de si mesmo creando sobre a vontade fraca o influxo de sugestões nobres, incluindo a arte, a natureza, o fervor de ideias puras que geram os cultos aperfeiçoantes. Desconhecem-se as consolações que em si cria quem vê mais as infelicidades humanas de que as suas proprias, e faz d'elas linitivo, consolo e religião. Vencidos que deviam ser vencedores, vitimas do seu pessimismo, do seu personalismo, tombam, estereis, impotentes e anormais, sucumbidos em desalentos vãos e pueris.

*

* *

Já sofri esse mal. Já caí d'essa queda. Mas reagi, mas levantei-me. Confrange-me hoje a recordação da fase esteril da minha vida em que desumanizada, inferiorizada, concentrada na cobardia infima do meu *eu*, alimentei pensamentos suicidas e me definhei de desesperos intimos. Desconhecia a grandeza da vida moral e espiritual. O destino tinha-me fechado as suas portas. Ignorava a beleza agridoce da dôr que define no martirio os sentimentos de eleição. Mas venci-me, e triunfei. Adquiri o direito de apontar aos desalentados o caminho do salvamento.

E' certo que tinha em mim uma força —o instinto. Mas todos podem crear uma outra força, estudando-se. Eu apliquei por instinto á minha queda moral, as teorias que ha dias li n'um belo livro *La éducation de soi même* de Dubois. Os que não tiverem esse natural estimulo procurem-n'o na sugestão dos bons livros, dos espiritos educados, das almas retemperadas na experiencia, na adversidade e no exercicio da vida util e sã.

Eu venci-me e venço-me tenazmente. Ainda hoje o faço trabalhando febrilmente, exgotantemente, sem gloria nem proveito material. Mas tenho a gloria e o

proveito da minha consciencia em festa. Na minha qualidade de mulher, asfixiada n'um meio inculto onde se imobiliza e afronta o esforço e as ideias do meu sexo, tenho sustentado uma luta pavorosa, desigual. Tenho vivido entre a familia e as multidões, desconhecida, ignorada, anonima, perseguida, torturada.

Não tenho sido o que sou, nem acreditada conforme creio. A injustiça, a deturpação de actos e ideias que desejam desvendar o erro das consciencias e esbarram na cegueira d'essas consciencias, teem muitas vezes trazido a flux no meu animo oprimido de dôr, revoltas e indignação, que não são da minha natureza, provando-se assim que a influencia da mediocridade de sentimentos e de ideias, não só semeia o mal por si, como ainda affecta aqueles que só pensam em realizar o bem.

D'esse facto eu extrahio mais um estimulo para o urgente e escabroso combate do bem contra o mal, que descerre com a chave de ouro da emoção, racional, a palpebra lassa da cegueira que enche de trevas os espiritos.

Apontar á humanidade as causas de seu mal. Dizer-lhe que é doente porque

se envenena com abusos de alimentação carnivora, apopletica, artritica. Que se requeima de alcoolismo, que se lança no crime, no vicio, na prostituição *contre nature*, pela consequencia de pruridos abusivos, e não reclamações da natureza. Que compra e vende a desgraça, a degenerescencia, n'esse mercado deprimente de escravatura feminina que clama o remedio na solução tão grave do problema moral e economico. Que é desmoralizada e desmoralizadora legalizando o vicio para vergonha da falsa moral. Que é cumplice e vitima, conservando a mulher em posição infima. Que é ela propria que faz de si uma humanidade desgraçada rugindo coleras e blasfemias, avida de grandezas, de glorias, de ostentação, de interesses, resolvendo pela guerra, a desgraça das Nações. E como estas causas se ligam á causa da rehabilitação feminina, por meio do seu estudo diminuirão todos os efeitos. A educação regularizará a vida domestica e social, a prosperidade moral, economica e espiritual.

*

* *

E' tempo, soou a hora grave e tremenda em que é forçoso que emmudeça a voz dos conservadores e dos rivais do valor feminino.

E' urgente que reconheçam que em todos os movimentos progressivos das nações adiantadas que honram e ennobrecem a civilização, é concedido á mulher o direito de colaboradora inteligente e infatigavel das obras de solidariedade. A' medida que o elemento feminino se integra na função social, reconhece-se que ela é a alma vivificante de todas as instituições, a sua força inspiradora, a centelha do amor, o exemplo da obstinação, da resistencia e da audacia empreendedora e inicial. Em Portugal perdem-se valores anonimos, preciosos concursos de inteligencia, de sentimento que vegetam no desconhecido e se inutilizam nas dificuldades e na revolta de seu esforço impotente. E' tempo, é a hora solene da guerra mundial em que a trombeta da justiça deve lançar ao mundo o alarme da razão.

Retraiam-se as inepcias de concepção que argumentam que a mulher só tem lugar entre o fogão e o açafate das piugas. A mulher inteligente, instruida nos engenhos da ordem, do metodo, e da di-

visão do tempo e do trabalho, *póde* e *deve* dividir-se entre a familia e a sociedade, sendo regular em ambas as funções. O tempo gasto em dobrar e desdobrar frioleiras, em exibições publicas e estereis applique-o em obras de educação moral e altruista, distraíndo-se e adoçando a rudeza do egoismo e dos costumes, fazendo o bem, pensando em coisas graves e humanas. Os que apregoam essa absurda razão, querem-n'a para o lar ignorante e boçal, para servir de instrumento ao egoismo das paixões reinantes. Repudiam a sua intervenção social. Mas desvanecem-se vendo-a passar o tempo na rua, grotesca de atavios, desnudada, provocante, vã, e sómente apropriada ao reinado dos instintos de desmoralizadora influencia.

E' tempo, sim. Clama-o a voz do direito, da razão intangivel proclamando as reivindicações de sexo feminino, pela voz das mulheres que em nome da sua dôr, da sua resistencia, do seu sacrificio, da experiencia do seu raciocinio, da inspiração da sua fé, da luz triunfante da sua consciencia, representam a verdade d'esse humano direito.

Assiste-lhes a força que a natureza

lhes deu para servirem de enfermeiras na doença de atrofia dos entendimentos, e provar-lhes que na opressão e na ignorancia em que vive a mulher, ela só póde dar á sociedade naturezas morbidas, impropriamente educadas, dispostas ás paixões eroticas, á vaidade, á ambição, á incoerencia, impulsivas, violentas, delinquentes. E d'estas naturezas só sáem individuos e caractéres incapazes de dirigir os Povos com acerto e exercer competentemente qualquer função publica, social ou familiar.

Eis a chave do enigma que alimenta no criterio confuso e amorfo das multidões, o espirito selvagem e louco das guerras.

Emfim, á custa do seu proprio sofrimento, o homem acabará por escutar a voz da mulher que é um eco da razão humana. E atraído por ela para o culto do sentimento, compreenderá melhor a lei do verdadeiro amor. Interpreta-lo-ha como agente da bondade. E cultivará assim o germinal da felicidade de ambos.

E' preciso educar as almas, educar o amor, educar a bondade. Porque a bondade e o amor são os mais eficazes ele-

mentos de regeneração social. Ao seu subtilissimo influxo, adoça-se a rebelião dos instintos, amainam-se odios impetuosos, animam-se descrenças pessimistas, reprimem-se violencias ferozes e desabrocha a floração das simpatias. A bondade semeia sempre sorrisos, encanto, atracção pelo caminho que percorrem os corações onde se concentra o seu perfume.

E' um manancial de progresso social. O seu poder exerce-se prodigiosamente sobre a moral e o apuramento dos costumes. E essa bondade, que é a condensação suprema da emoção subtil, incorporea, feita de impalpaveis delicadezas de alma, exprimindo uma necessidade de praticar o bem, de crear a alegria e a felicidade em volta de nós, de consolar e amar, essa deve reflorir em corações de mulheres para que se converta em Paz e harmonia geral.

O sistematico afastamento que arreda do andamento dos negocios publicos e de quasi todos os movimentos colectivos o concurso da mulher, é, portanto, um tremendissimo erro contra as manifestações de solidariedade e altruismo.

No nosso paiz, sobretudo, esse sistema é de um atrazo que denuncía uma perce-

pção psicologica a que póde chamar-se torpôr da razão. E' raro ver um nome de mulher fazer parte de qualquer movimento de solidariedade ou de progresso em associação com o elemento masculino. A mulher de valor tem pouca representação, embora afirme esse valor. Tem autoridade o mais boçal dos caciques politicos. O criterio da mulher que sabe pensar é desdenhado. O Estado sustenta milhares de subordinados que esgotam o tesouro. Para a mulher que trabalha pela educação moral, não ha protecção nem consideração, porque se reputa dispensavel o seu esforço.

Prouvera ao destino que em vez de acusar eu louvasse com fervor e reconhecimento em nome dos interesses humanos. Mas na minha ardua luta, nenhuma força oficial me tem dado alento. Retraímento, desdem, incompreensão. De resto, a convencional consideração de louvor, que é cortesia. ¡E que paiz mais carece da obra da educação moral!

Mas é o preconceito, sempre o preconceito, a eterna e nefasta rotina, a tradição, o erro, o obscurantismo algemando forças que libertariam escravos, mutilando gestos que cultivam obras, mirrando seivas

que seriam frutos, e matando anelos que seriam vida.

Considerando esta eventualidade uma contingencia anti-moralista, anti-socialista e anti-pacifista, é á propria mulher a quem compete revelar-se, nobilitar-se, cristalizar-se no apogeu das suas luminosas, prometedoras e ignoradas qualidades de espirito e de coração.

N'uma heroica renuncia de si propria, expurgada de mesquinhos impulsos que geram dissidencias, antipatias, rivalidades, deve unir-se em Portugal todo o elemento feminino capaz de preparar o seu advento perante a crise de desolação e devaste que estremece a vida da Europa.

De um recanto ao outro do emisferio perpassa, n'esta hora lugubre, um arrepio de terror e desgraça.

Nuvens de presagio entenebrecem os horizontes impelidas pela guela fumegante, morticida, das metralhadoras assassinas.

E' forçoso que as consciencias femininas despertem para a luta dos grandes ideais, que serão a semente do pacifismo. N'esta fase tragica, não será escutado o seu clamor, abafado pelo uivo do

chacal que se mistura ao troar lugubre dos canhões. Mas ele achará breve repercussão na humana e forte legião das Pacifistas que devem manter-se cada vez mais firmes no seu posto de combatentes, e a que o espectaculo da guerra deve dar novos alentos.

O triunfo manchado de sangue deixa sempre a macula sinistra da maldade. E o verdadeiro heroismo civico assumiria uma grandeza sublime se o homem, em vez de dar a vida ás baionetas, conseguisse a renuncia de si proprio, retraindo as más paixões que originam as guerras.

Que a alma da mulher levante o seu protesto. Que as parcelas do seu sentimento esvoacem n'um espaço de progresso como crisalidas gentis e reprodutoras transformando a rudeza e o egoismo da humanidade barbara, em germens de fraternidade e amor. A guerra é a obra secular do dominio do homem. Que de ora ávante a Paz seja o vigor das sociedades futuras cultivado pelos corações femininos. Que eles orvalhem de lagrimas comovidas a terra onde alastra o sangue das vitimas, encorajando aqueles que o dever manda lutar e morrer,

martires da tremenda hecatombe. Mas sobre a lugubre montanha dos seus cadaveres trucidados, sobre esses destroços de corpos cheios de vigor e mocidade que a natureza destinára para viver, cultivando-a e amando-a, construa a ternura da mulher, e a sua inteligencia, um monumento de bondade que demonstre ao mundo que o quilate de sentimentos humanitarios das *verdadeiras mulheres*, sabe fazer do coração um baluarte de amor para afugentar o monstro devorador da guerra. Que as mulheres Portuguezas sejam solidarias com todas as suas camaradas estrangeiras, provando ao homem que a guerra é obra do obscurantismo e que a Paz tem de ser a obra de ambos os sexos, esclarecidos, justos e bons.

E que o anceio confraternizador das almas generosas e das aspirações libertarias, vá de terra em terra, de Patria em Patria, como uma onda aromal e fluida, agitar o sentimento de todas as mulheres do mundo, nossas aliadas e irmãs espirituais.

A critica e os seus efeitos

Quando o ilustre e brilhante escritor João Grave publicou o seu humanitario livro «*Reflorir*», eu escrevi n'um artigo inserto no magnifico diario do Porto *O Primeiro de Janeiro* as seguintes considerações a proposito de opiniões criticas:

«A submissão exclusiva a certas regras classicas de arte literaria, que servem de norma ás apreciações criticas, nem sempre é elemento aperfeiçoador. Em determinados casos constitue um prejuizo social. Compreende-se que aqueles que professam o rigoroso determinismo literario, se cinjam a detalhes exigentemente esteticos. Mas é preciso notar que quando uma obra literaria tem como objectivo principal a difusão de ideias belas, se porventura falha em pureza de fórma, ou incorrecções de construção artistica, nem por isso deve amesquinhar-se o seu valor. A grandeza da ideia, por si só, basta por vezes para iluminar e valorizar um livro. Obscurece-la por exagero de diletantismo critico em vez de fazer triunfar os pensamentos n'ele contidos, enaltece-los assi-

milando-os sobre a inconsciencia dominante, que representa o cativeiro da humanidade, é um verdadeiro delito social. Imaginando render culto ao Belo, renega-se a religião do Bem.

Partindo d'estes principios — o *Reflorir* de João Grave deve merecer a consagração de todos os criticos e de todos os espiritos libertadores. A rede ideologica d'esta obra, abrange um dos mais graves problemas de sociologia. Conglobam-se na sua tese, por assim dizer, as principais causas ligadas á degenerescencia fisica e moral da sociedade contemporanea.

Dentro da prostituição cabem prejuizos sem conta. Medra a corrupção das consciencias e de organismos já hereditariamente decompostos por causas semelhantes. Medra o crime, cresce o vicio, recrudesce a perversão dos costumes.

Trabalhar pelo saneamento d'esse mal pestifero, e de outras doenças sociais, é para todo o artista um sceptro de supremacia humanitaria.

Sendo assim, todos os criticos deviam pôr em fóco o alcance de livros que combatam erros e vicios, embora lhes fique o direito de apreciar a feição literaria sem prejudicar o efeito da ideia e dos seus in-

tuitos moralizadores. Seguindo este criterio conseguir-se-ia pôr um *dique* ás correntes demolidoras de caracter sistematicamente improgressivo. Desde que ha mais cerebros impregnados de fórmas escravizadas a dogmas instaveis e relativos de estetica literaria, do que espiritos e almas vibrando em inspirações intensas de resgate, é humano, é generoso não interceptar o caminho dos mineiros da luz, sob o pretexto de que a sua obra peca por defeitos que nunca devem apagar ou diminuir-lhe os fins. A reconstrução de uma sociedade nova requer o aproveitamento de todas as energias e esforços. Inutilizar ou retardar o resultado das ideias-forças, com certeza é culpa de mór responsabilidade atentatoria dos direitos da libertação humana. E a compenetração de que a sociedade carece de um colossal e unido labor de reabilitação, deverá concentrar todos os entendimentos superiores na missão que lhes compete de saberem aproveitar com engenho todos os elementos, em vez de dispersá-los e amesquinhá-los perante essa sociedade imperfeita que tanto precisa de soerguer-se triunfalmente ao nivel das concepções modernas. Fixando a luz das descober-

tas naturalistas que transformam a interpretação da vida mergulhada em erro por um passado tradicionalista, devemos avançar para a claridade do futuro alimentada pelo combustivel da justiça, coroada pelo resplendor da bondade, cristalizando em reflexos de salutar e verdadeira civilização. Aqui está a razão por que o livro de João Grave é para mim um Evangelho de luz, embora alguem pretenda apontar-lhe defeitos literarios. Antes a beleza da ideia suprindo a arte pura do que a arte pura servindo ideias falsas.»

A's considerações anteriores acrescentarei mais um resumo de argumentos sobre as responsabilidades de sabios e artistas na obra da refundição social.

A verdadeira arte, a verdadeira sciencia, é fazer reconhecer á humanidade os erros em que vegeta, os vicios e habitos que a degradam e infelicitam; é aplicar a quimica da razão dentro da emoção como reagente evolutivo; é arrotear a gleba rude para a germinação de principios renovadores que criem gerações felizes segundo as leis da natureza e em relação aos bens que ela nos oferece para

fruir a felicidade sem o sacrificio de vidas, quer sejam de homens quer de animais.

A arte só póde ser verdadeiramente sublime conduzindo através da beleza o veículo da bondade suprema que tem de iluminar consciencias para frutificar em paz e amor entre as criaturas.

Os artistas que vão na corrente das clausulas antigas, são muitas vezes inconscientemente factores de infelicidade e degradação. Um porque faz desabrochar entre rendas vaporosas de elegancia estilista a flor rubra e venenosa do pecado representante do vicio; outro porque celebra em rasgos de elegancia artistica os episodios da guerra a que se chama brio e heroismo no jogo falso das constituições politicas, entoando assim um hino á maldade e ás paixões que tecem a urdidura das guerras julgando-as indispensaveis á grandeza dos Povos.

Eu penso que é obrigação de todo o artista moderno, pertencente á *élite* que tem jus á aristocracia espiritual, alçar o alaude mavioso da arte estetica no vasto e trascendente dominio da razão e da verdade, esclarecendo o espirito da humanidade em trevas.

A Arte pela arte é uma volupia dos sentidos, que serve apenas uma determinada *élite* de espiritos cultos. Emquanto que a Arte, realçando ideias de larga emancipação, serve a causa geral da humanidade.

Só assim a Arte atinge um fim simultaneamente divino e humano. Só em tais casos realiza a sublimidade do seu fim, transformando-se em corrente fluida de beleza, constelação fulgurante de luz, perfume rescendente de bondade, arroio limpido de justiça, arco-iris de amor e elo sacrosanto de fraternidade e redenção.

*

* *

Bem quizera eu ser artista e erudita para fazer da Arte a sugestão da ideia, e da ideia o resplendor da Arte. Não sou uma nem outra coisa. Mas, «nada se perde», dizem ha seculos as verdades biblicas. Não foi debalde que o destino acumulou a efervescencia de pensamentos n'um cerebro elastico de mais para os crear, e demasiado estreito para os conter. Assim como previdentemente dispoz a circunstancia que interceptou a evolu-

ção gradual das faculdades intelectuais para fixar em prova, o prejuizo mencionado por Novicow na *Emancipação da Mulher*, onde o grande sociologo diz:

«Cada talento de mulher que não chega ao seu pleno desabrochar, é um passo a menos para a obra da civilização.»

Demonstrarei esta verdade estabelecendo uma comparação entre duas existencias de mulheres, das quais a primeira foi na corôa gloriosa da literatura francesa uma fulguração de brilho imortal, e a segunda permaneceu uma obscura obreira da luz, mal revelada na penumbra do desconhecido á falta de combustivel proprio que falha n'um meio deturpado pelas consequencias do atrazo social.

A estrela de scintilação imensa foi George Sand. Ao seu lado a modesta obreira da luz, é apenas uma restea humilde anciosa de ser claridade. Alguns espiritos cultos teem comparado a sua obscura feição de combatente, á da celebre pensadora francesa que iluminou e electrizou na sua dualidade vibrante de filosofia-sentimentalista, tantos artistas ilustres a quem comunicou o fogo da sua alma, as scentelhas fosforescentes do seu espirito.

¿Quantos passos avançou a evolução das ideias n'essa França espiritual e progressiva, sob o dominio instigador e sugestivo d'aquela original e fecunda inteligencia de mulher? ¿E qual a razão que marca uma distancia enorme entre dois espiritos femininos, que podendo ser semelhantes por natureza, são tão diferentes em condições e efeitos?

Uma atingiu a alta esfera da arte elevando-se ao apogeu da soberania intelectual. Creou muito, brilhou, glorificou o seu nome, glorificando a Patria que se engrandeceu engrandecendo-a, orgulhosa do legado precioso de ideias que o seu talento soberbo depositou no tesouro da literatura e da sociologia.

Emquanto que outra passou de um embrião para um meio tambem embrionario, escasso de condições propicias á dilatação das ideias renovadoras ligadas á causa da mulher e á importancia da sua obra.

George Sand, encetou a sua carreira literaria a tempo e a horas. Encontrou meio, embora houvesse de combater e vencer os obstaculos que são o percalço infalivel na vida de espiritos anormais e percursores, sempre sujeitos á incom-

preensão e á perseguição dirigida ao valor dos seus raciocinios e actos innovadores.

A restea de luz que desejára ser clarão, irrompeu precocemente em promessa de maior intensidade. Mas esse refulgir prematuro estacionou quasi despercebido, suspendeu-se, retraiu-o a rêde estreita dos preconceitos aprisionando os vôos de uma imaginação ardente de futura socialista que aos dez anos exprimia a sua dolorosa e enternecida revolta em trovas de simplicidade ingenua que interrogavam humanitariamente:

«Porque é que somos tão ricos
Se ha gente tão pobresinha,
Sem ter pão, sem ter um lar
Nem uma pobre caminha?

Tanto vinho nas adegas,
Tanta fruta no pomar,
E vêr tanto pobresinho
A's portas a mendigar!

Nossa Senhora da Graça,
Que estás sorrindo no altar,
Lança sobre os desgraçados
A benção do teu olhar.»

Estas quadras infantis e outras do mesmo genero, foram publicadas n'um

Almanach pelo falecido Poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, acompanhadas de uma previsão que afinal um destino de grilheta convencional renegou.

Frisando todos estes detalhes, eu desejo vincar nos espiritos que lerem estas paginas sentidas, o prejuizo que resulta de se imobilizarem atributos que constituem beneficio individual ou social. Se existissem as necessarias habilitações psicologicas que impõem responsabilidades melindrosas aos pais e aos pedagogistas, a criança que era castigada pelas suas abstracções de idealista e pensadora precoce; que era ridicularizada pelas condiscipulas por fazer versos; que chorava perante os maus tratos infligidos aos animais; que amava carinhosamente os pobres, os serviçais, os humildes, os desgraçados, teria sido estudada e bem dirigida.

E assim averiguado pelas condições de hereditariedade e de natureza dispostas nas proporções que engendram um conjunto de promesas excepcionais, teria atingido na vida o grau nobilitante da supremacia artistica e sociologica que constitue a celebridade das grandes ideias, dos grandes apostolos do Bem, e das Nações poderosas e cultas.

*

Mas, *cada um dá o que tem,* diz o adagio. E seria da minha parte uma cobardia, um retraímento egoista, delinquente, não expôr á critica a minha pobre e imperfeita prosa, renunciando á devoção de divulgar ideias belas e humanas e cuja difusão é de incontestavel alcance no futuro das sociedades. Justificam-se na carencia de condições todos os defeitos da minha obra.

A's minhas proprias e exigentes concepções de arte não satisfaz o trabalho que realizo. ¿Mas em que circunstancias o produzo? São tão extraordinariamente anormais, que só as explica um fenomeno de fé realizando um milagre de resistencia. Com alguns anos apenas de exercicio literario, lendo pouco, sem boas revistas, sem viagens, continuamente perturbada pelas responsabilidades e dificil solução de toda a minha vida moral e material, ¿poderia fazer obra perfeita?

Tem-me valido sómente a actividade laboriosa do espirito e dos movimentos decisivos e rapidos, assim como a força do instinto que apreende com facilidade, talvez por fenomeno de adivinhação, o

conteúdo de um livro folheado ligeiramente, ou o alcance de factos e ideias abordados pela rama mas compreendidos rapidamente. As regras de arte,—embora essas regras sejam instaveis e relativas—cingidas a determinadas condições de elegancia, de brilho, de sintese, só podem observar-se desde que um estudo regular, e a assiduidade de convivencia intelectual, constituam um curso pratico e teorico de arte literaria.

O ambiente exerce tambem grande influencia sobre as fontes da inspiração e embelezamento da fórma.

Dá-se comigo um caso curioso. Se me encontro n'um recinto confortavel, artisticamente decorado e rodeado de bons livros, sinto que o espirito desdobra azas de arte, e um fluxo e refluxo de ideias afloram ao cerebro embelezadas por uma sensação de intimo e fecundo conforto. Dir-se-ia que os livros dardejam a scentelha que iluminou e inspirou os autores. E' que d'entre as paginas geniais comprimidas nas estantes, se desprendem fluidos magneticos, forças ocultas e espiritas, que adejam em torno dos meus pensamentos em correntes invisiveis de transmissora espiritualidade.

Mas bem longe d'esse ambiente, a pobre imaginação torturada, tem-se expandido apenas entre as apertadas paredes inesteticas, inexpressivas e mercantis, de casas hoteleiras onde recrudesce a toda a hora a nostalgia requeimante do *home,* a saudade desalentadora dos afectos familiares.

*

Todas estas explicações detalhadas, teem um sentido educador ligado ao prejuizo resultante das apreciações irreflectidas e demolidoras que se fazem por falta de ponderação, depreciando muitas vezes valores e ideias generosas.

Ainda ha poucos dias me sucedeu colhêr uma grande injustiça dentro da apreciação da obra de dous artistas portugueses. Alguem realçava injustamente a soberania e a exuberancia literaria de um artista notavel, querendo colocar a sua obra em nivel superior,—tanto em qualidade como em quantidade,—á obra de outro artista. Avaliadas as condições devidas, o segundo era afinal superior, não só pelo quilate das ideis, como pela delicadeza artistica da fórma. A diferença é que um era livre, independente, conseguira um desafogo material que lhe per-

mitia dedicar-se á arte, ao estudo, publicando as suas obras com sucesso e prestigio. O outro tinha familia, encargos, prisões burocraticas, embaraços, cuidados economicos que comprimem o espirito e restringem a produção.

Depois um retraía-se, evitava a exibição do seu genuino talento. O outro vivia cercado de condições prestigiosas. A arte d'este era uma caprichosa filigrana de estilo, um filtro capitoso de estetica, uma volupia espiritual que falava aos sentidos. A do outro era a harmonia sonora e maviosa do sentimento falando ao coração. E se um era um arco-iris, uma fosforescencia, um insecto alado de azas irisadas e frementes sugando o nectar das flores que o destino semeára no seu caminho desabrochando em gloria e proveito, o outro era uma claridade de aurora, era um grito de justiça e liberdade, era um sonho de poeta, era um poema de sentimento, deixando nas almas um rastro de perfume, de bondade e de beleza. Se um deslumbrava e embriagava, o outro aperfeiçoava, comovia e embelezava. E se um era gloria e brilho, o outro era gloria e luz, projectando clarões de altruismo.

Mas é tão dificil ponderar, saber julgar, distinguir valores, aquilatá-los, realçá-los fazendo ver que o exito nem sempre é valor, e o valor se recalca e perde fóra do exito ostensivo...

*

Emfim, o meu grande sonho, o vôo alongado das presentes considerações, resume-se n'estas tres palavras: justiça, verdade, redenção.

Para que a sua essencia entre rapidamente na alma humana, convertendo-a em harmonia, todos os elementos me parecem poucos.

Sinto um fanatismo idolatra pelos artistas que fazem da arte uma florida roseira de progresso de onde brotam continuamente as rosas da bondade. Venero todos os que inspiram a sua obra no ideal do futuro, apagando os traços negros do passado que vincam na alma das multidões, influencias barbaras de guerras, sugestões de tirania, tradições de inconsciencia, de libertinagem galante e fóra das aspirações nobres que devem ser a plataforma da vida futura.

Sobretudo, a minha alma de mulher curva-se religiosamente perante a gran-

deza espiritual de artistas que se consagram ao culto das gerações.

E ao fechar este livro, de alma concentrada na preocupação dolorosa da crise convulsa, alucinante, que agita a Europa em pleno seculo das luzes e faz recuar o esforço civilizador de seculos, mais se afervora a minha calorosa e comovida admiração por todos os artistas devotados á obra da infancia. Fazer menção de Afonso Lopes Vieira, o mavioso poeta das crianças, é encerrar com chave de ouro estas singelas paginas de verdade. ¿Haverá corôa de gloria mais fulgente para um artista, do que fazer das almas das crianças canticos de amor, alfobres de bondade, onde a brandura frutifique, onde a emoção realce e aperfeiçôe? Realizar essa obra é amar a humanidade inteira, é crear no futuro a mais bela, a mais pacifica, a mais tocante cristalização da solidariedade. E' cultivar a arvore da Paz, é fazer brilhar o sol do resgate que sazonará os frutos da união entre a familia, a sociedade e as nações.

Os artistas, os poetas que fazem da Arte a corrente divina da beleza e do sentimento, aformoseando as almas infantis no amor por tudo quanto vive e

sofre, por tudo quanto é puro e nobre, são os verdadeiros herois da redenção, os conquistadores e os paladinos da liberdade humana.

Semear a jorros, eis o meio de solver o grande e confuso problema social. São ainda em *minoria* as *élites* partidarias da religião do amor, os combatentes da obra da violencia e da destruição.

Eis porque n'esta hora de carnificina e odio, em que as nossas aspirações de Paz ganham em ardor e profundeza, devemos saudar, instigar e glorificar aqueles que ensinam o credo do amor ás criancinhas de hoje, preparando o raiar de uma aurora de luz que será o triunfo da harmonia das gerações de ámanhã.

Só então as crianças fortes e boas serão delicadas e justas. E deixará com certeza de existir o Calvario da Mulher e o Calvario da Humanidade.

Notas finais

Da publicação imediata d'este livro dependia o exito de interesses pessoais e sociais. D'aí os infaliveis efeitos da precipitação, predispondo lapsos e defeitos.

Perante a gravidade da hora presente, quasi deve pôr-se de parte a revestidura artistica para só ver a finalidade das ideias e acelerar a sua larga circulação.

Não faltará, porém, quem ponha de parte o seu alcance para ver só os defeitos e condenar-lhe a sinceridade.

Expondo a verdade dos factos, não pretendo amesquinhar nem ferir a dignidade pessoal do homem representante do preconceito. Para mim ha factos, não ha delitos. Assim como sendo as nossas faculdades produto da natureza, julgo que nos cabe o direito de mencioná-las sem orgulho, mas com verdade. Demais, quando se trata de realçar factos, para restabelecer direitos e semear justiça, desaparece a personalidade para se ver só a colectividade. Além d'isso, sendo a causa d'este «Calvario de Mulher» considerada natural perante a sociedade de hoje, mencionar as condições que lhe deram origem, representa talvez maior prejuizo para a mulher do que para o homem.

Mas quem combate por um ideal de justiça, apara sempre corajosamente os golpes da injustiça, seguindo firmemente o caminho da verdade.

Minha ilustre camarada
de ideias:

Consulta-me sobre a publicação do retrato da protogonista do seu *Calvario de Mulher*. Penso, como os meus dilectos camaradas Mayer Garção e Sousa Costa. A fotografia deve acompanhar o volume.

Este livro é uma tese de psicologia e de sociologia muito importante para a obra da civilização. Devem, por isso, revesti-lo todas as provas que autentiquem a verdade.

Os traços da fotografia servirão de estudo aos psicologos. E, nas suas linhas expressivas, será o atestado dos atributos de alma e de espirito da mulher que subiu um calvario, para se aproximar do espaço em que brilha o grande sol da humanidade.

Camarada respeitoso e grato,

Magalhães Lima.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

HQ
1216
F45
1915
c.1
ROBA

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 11 14 14 026 8